RA
REVISTA
ADVENTISTA

Os Profetas e o Sábado

20
BÍBLIA
Quando Jesus confessar o seu nome

26
REFLEXÃO
As necessidades da Causa de Cristo

34
OLHOS NOS OLHOS
Alejandro Bullón

PUBLICADORA SERVIR
JANEIRO 2025
N. 932 | ANO 86

1 646188 625018

RA
REVISTA
ADVENTISTA

PUBLICADORA SERVIR
JANEIRO 2025
N. 932 | ANO 86

eu VOU
MISSÃO **GLOBAL**, AÇÃO **LOCAL**.

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-l'O melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publicadora SerVir, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Ligação Visual
Casais de S. Martinho – Jerumelo

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

Igreja Adventista do Sétimo Dia®

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
29	30	31	1	2	3	4
5	**[6]**	7	8	9	10	**11**
12	**13**	**14**	**15**	**16**	**17**	**18**
19	**[20]**	21	22	23	24	**25**
26	**[27]**	28	29	30	**31**	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

11 CULTO NACIONAL | IASD DE LAGOA

11-18 SEMANA DE REAVIVAMENTO "A ORAÇÃO DOS SANTOS"

19 FORMAÇÃO DE DEPARTAMENTOS (*ZOOM*)

25 E 26 ENCONTROS REGIONAIS DE DIRIGENTES JA

27 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (*ZOOM*)

31/1-2/2 ENCONTRO NACIONAL DE SECRETÁRIOS'25

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

6-10 DEZ DIAS DE ORAÇÃO (EUD)

13-17 FACULDADE DE VILLA AURORA (ITU)

20-24 UNIÃO PORTUGUESA (PTU)

27-31 *ADVENT VERLAG KRATTIGEN* (SWU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[6] SEGUNDA-FEIRA

[20] SEGUNDA-FEIRA

[27] SEGUNDA-FEIRA

fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
26	27	28	29	30	31	**1**
2	**[3]**	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	**15**
16	17	18	19	20	**21**	**22**
[23]	**[24]**	25	26	27	28	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

9 ENCONTRO NACIONAL DE TESOUREIROS (*ZOOM*)

15 FORMAÇÃO SAL

21-23 ENCONTRO NACIONAL DE DELEGADOS DA ADRA

24 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (*ZOOM*)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 LAR DE REPOUSO NEANDERTAL (NGU)

10-14 UNIÃO FRANCO-BELGA (FBU)

17-21 ASSOCIAÇÃO DA MUNTÉNIA (ROU)

24-28 ASSOCIAÇÃO DA MOLDÁVIA (ROU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[3] SEGUNDA-FEIRA

[24] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[23] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**
[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**
ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA *RTP2* SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04
EDITORIAL
Uma resolução para o novo ano

05
ATUALIDADE
Onde estão as evidências de vida com milhões de anos nas camadas da Terra?
Argumentos criacionistas contra o tempo geológico profundo.

10
TEOLOGIA
Os Profetas e o Sábado: *De Isaías a Ezequiel (Parte I)*
Descubra os importantes ensinos dos Profetas de Israel sobre o Sábado.

20
BÍBLIA
Quando Jesus confessar o seu nome
O que disse Jesus sobre o Juízo Investigativo?

26
REFLEXÃO
As necessidades da Causa de Cristo
Um apelo pungente à Igreja pela pena do pioneiro John N. Andrews.

29
GRAVADO NA PEDRA
A contestada referência ao rei David na estela de Mesha
Uma comprovação arqueológica muito provável da existência histórica de David.

34
OLHOS NOS OLHOS
Alejandro Bullón
Siga a entrevista ao mais destacado evangelista Adventista da América do Sul.

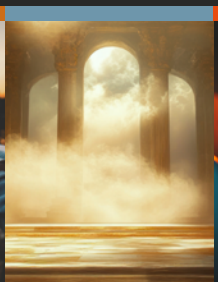
40
MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL
A caminho da Igreja: Para dar ou para cobrar um obrigado?
Conheça as razões por detrás do novo Plano de Ofertas da UPASD.

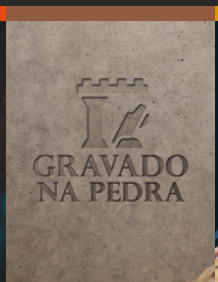
43
ESPÍRITO DE PROFECIA
Avaliar e julgar os Testemunhos
Será que podemos sujeitar os Testemunhos ao nosso juízo?

44
HERÓIS DA BÍBLIA
Maria: Dizer "Sim" ao Impossível!
A importância de saber dizer "sim" a Deus.

46
PÁGINA DA FAMÍLIA
O primeiro altar
A absoluta necessidade de se erguer o altar familiar.

49
NOTÍCIAS
Acompanhe as notícias da Igreja nacional.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa
Presidente da UPASD

Uma resolução para o novo ano

"Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto" (Isaías 55:6).

Ano novo é sinónimo de novos começos, de novas oportunidades, e, para muitos, de novas resoluções. Algumas são práticas – como melhorar a saúde ou alcançar metas profissionais –, mas será que estamos a dar prioridade ao que realmente importa?

Isaías 55:6 é um dos versículos mais impactantes do Antigo Testamento. Ele traz um chamado à decisão e à urgência: Buscar Deus enquanto há oportunidade! Esta passagem ecoa a graça e a misericórdia de Deus, mas também nos alerta sobre a importância de agir sem demora. Existem muitas razões para se buscar o Senhor, mas a principal é porque sem Ele estamos perdidos. O pecado separa-nos de Deus (Romanos 3:23), mas, na Sua bondade, Deus oferece reconciliação através de Jesus Cristo. Buscar o Senhor traz vida, paz e direção.

Este convite desafia-nos a colocarmos Deus no centro da nossa vida. Contudo, em tempos tão agitados, muitas vezes Deus ocupa o último lugar na nossa agenda. Buscá-l'O implica intencionalidade: Dedicar tempo para estar com Ele, seja em oração, na leitura da Sua Palavra ou na reflexão sobre a Sua vontade para nós.

"Buscai o Senhor. Foi aqui que Israel falhou e foi esta a razão do seu exílio: não procurou conhecer nem obedecer à vontade de Deus. Repetidas vezes Deus convidou Israel a procurá-l'O.[1] Ao longo dos tempos, Deus tem estendido exortações semelhantes."[2]

A expressão "Enquanto se pode achar" carrega uma certa urgência. Deus está sempre perto, mas o tempo que nos é dado não é ilimitado. A urgência também está ligada à fragilidade da vida. Não sabemos o que o amanhã nos reserva (Provérbios 27:1). Por isso, hoje é o dia de nos voltarmos para Deus. As oportunidades de hoje podem não estar disponíveis amanhã. Não deixemos para depois o que pode transformar a nossa vida agora! "Agora é o tempo em que deve haver um humilhar do coração perante Deus. Busquemo-l'O enquanto Se pode achar do lado do perdão, e não do lado do Juízo."[3]

Este é o momento de voltarmos para Ele, com a certeza de que nos acolhe de braços abertos. Reserve tempo para o essencial: Cultive uma vida de oração e esteja atento às necessidades dos que o rodeiam. Não adie a sua busca por Deus, pois Ele é a Fonte de vida, paz e salvação!

Que passos pode dar hoje para se aproximar mais de Deus e encontrar n'Ele o propósito e a paz que procura?

1
Ver Deuteronómio 4:29; Salmo 105:4-6; Jeremias 29:13 e 14.

2
Francis D. Nichol, ed., *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 4 (Review and Herald Publishing Association, 1977), pp. 297 e 298.

3
Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais, MM 2011*, p. 342, ed. P. SerVir.

Onde estão as evidências de vida com milhões de anos nas camadas da Terra?

Um cenário de uma cronologia curta da história da vida na Terra pode ser perfeitamente tido como coerente com o registo bíblico, inclusivamente à luz da Geologia.

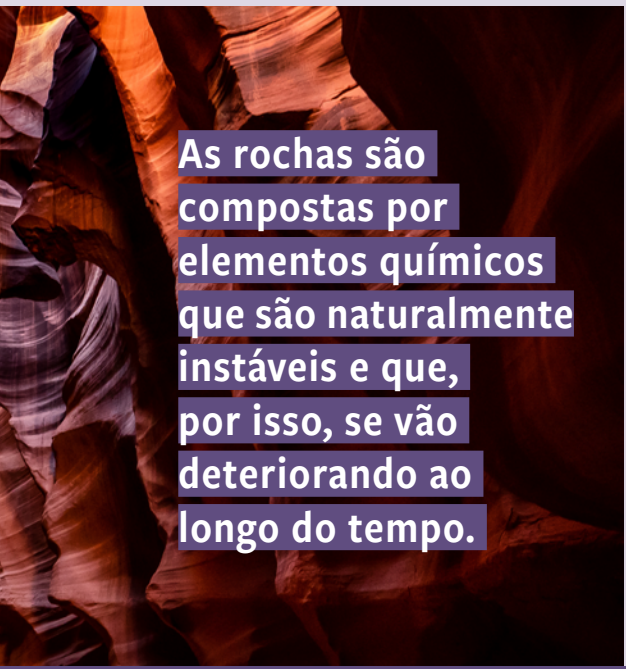
Daniel Simões
Tesoureiro da UPASD

Já alguma vez deu por si, durante uma viagem, a contemplar pela janela do carro uma montanha na qual são visíveis camadas de rocha perfeitamente delineadas, quase parecendo uma sanduíche de gelado de vários sabores? Há bem pouco tempo, ao viajar pelo Interior de Espanha, a caminho de Valência, tive a oportunidade de contemplar uma dessas montanhas recortadas pela construção de uma estrada, em que se tornou visível a sua formação em camadas perfeitamente distintas e linearmente separadas. De facto, é uma visão que se torna quase avassaladora pela dimensão das camadas sobrepostas e que se estendem ao longo de várias centenas de metros, quase como se alguém tivesse pousado placas volumosas e lisas de rocha umas em cima das outras, sem que tivesse havido qualquer perturbação no trabalho. Se é um facto que um crente nas Sagradas Escrituras pode levar o pensamento de imediato, pela beleza do que observa, para a grandeza do Deus Criador, também é um facto que a Ciência contemporânea interpreta este tipo de dados como evidência para a conclusão de que é plausível considerar uma coluna geológica com milhões de anos como prova de que a vida teria surgido na Terra há mais de 500 milhões de anos.

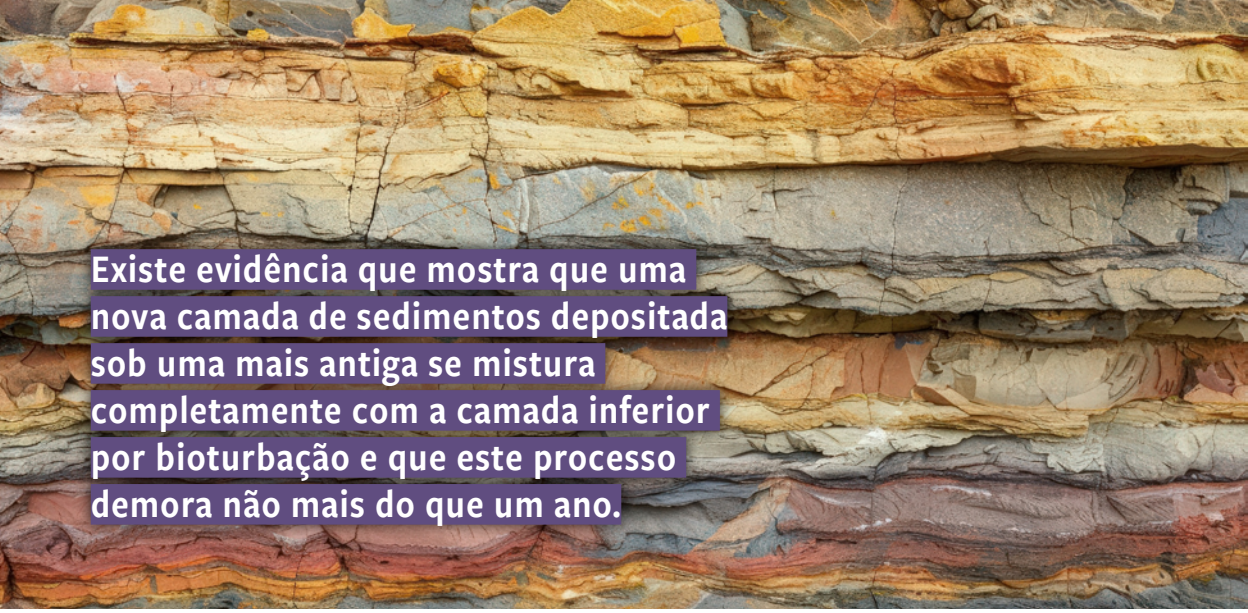
Chegado a Valência, decidi visitar algumas atrações em que era transmitida, de forma transversal e consistente, a ideologia de uma cronologia de tempo profundo. Fossem o *Museu de História Natural*, o *Bioparc* ou o *Museu de les Ciències*, a realidade é que, por todo o lado, se retrata a história natural numa escala de milhões de anos.

Tendo em conta que não me parece admissível considerar que tão grande número de cientistas tire conclusões não fundamentadas, sinto que é imperativo debruçarmo-nos sobre os seus fundamentos, pois só dessa forma poderemos argumentar a favor, ou contra, as suas conclusões. Um dos primeiros fundamentos para uma cronologia de tempo profundo é obtido dos métodos de datação radiométricos usados para datar as rochas, nomeadamente as camadas geológicas que observei na minha viagem. Mas como funcionam estes métodos de datação? "Todos os métodos radiométricos baseiam-se no facto de que alguns isótopos (formas particulares de um elemento com diferentes números de neutrões) são instáveis."[1] Quer isto dizer que as rochas são compostas por elementos químicos que são naturalmente instáveis e que, por isso, se vão deteriorando ao longo do tempo. Ora, os cientistas registaram que esta

decomposição acontece a uma taxa constante, motivo pelo qual a medição dos isótopos presentes pode ser usada para medir o tempo transcorrido. Um exemplo do nosso dia-a-dia poderia ser as conclusões que tiramos da idade de um carro antigo pela quantidade de ferrugem que a chaparia apresenta. Isto acontece por sabermos que o metal oxida gradualmente pela exposição ao oxigénio do ar. Ao nível dos componentes das rochas, podemos usar como exemplo o potássio (^{40}K), que gradualmente se vai transformando em árgon (^{40}Ar). Neste estudo, os cientistas chamam "vida média do potássio" (^{40}K) ao tempo necessário para que metade do potássio existente numa amostra se transforme em árgon (^{40}Ar). Logo, por esta regularidade, analisando a proporção de potássio e árgon presente numa amostra de rocha, os cientistas calculam a respetiva idade. Trata-se de um método objetivo, que, na verdade, parece apontar sustentadamente para uma cronologia da vida na Terra incompatível com o relato bíblico.



No entanto, observando melhor o trabalho usualmente feito pelos cientistas, verificamos que aquilo que estamos a concluir com estes métodos de datação radiométricos não é a idade da camada geológica, mas, sim, o tempo decorrido desde a formação dos minerais que a compõem.[2] De facto, estes métodos de datação tomam no seu funcionamento alguns pressupostos que, a não serem verificados, colocariam em risco as conclusões obtidas. Um dos pressupostos é que a amostra não sofreu contaminação ao longo do tempo, nomeadamente pela ação de eventos catastróficos em que a amostra fosse afetada por alterações ambientais. Caso se encontre evidências da existência de um evento geológico catastrófico, passaria a ser plausível admitir que a quantidade de isótopos presentes numa amostra de rocha teria sido alterada por outros mecanismos que não a deterioração natural referida. Ora, independentemente de usarmos o nome "Dilúvio" ou não, a realidade é que formações como o *Grand Canyon,* nos Estados Unidos da América, testificam, conjuntamente com outras formações ao redor do globo terrestre, da ocorrência de um evento geológico de dimensões globais e de grande impacto no desenho geológico do Planeta.[3] É uma evidência disso o facto de conseguirmos encontrar em múltiplos locais do Globo exatamente as mesmas sequências de camadas de rocha sedimentar, testificando, desta forma, de uma espécie de sincronismo à escala mundial.



Existe evidência que mostra que uma nova camada de sedimentos depositada sob uma mais antiga se mistura completamente com a camada inferior por bioturbação e que este processo demora não mais do que um ano.

Um outro desafio para esta cronologia contemporaneamente tida como fidedigna, e que conduz às medidas de tempo em milhões de anos, é o facto de ela assumir que as taxas de sedimentação, ou seja, de acumulação de sedimentos e de formação das camadas geológicas, são constantes e lentas. As taxas típicas de sedimentação são mesmo colocadas ao nível de 1cm por cada mil anos.[4] Na minha viagem, dei-me de caras com alguns problemas que se apresentam a esta premissa tão essencial à cronologia de tempo profundo.

Em primeiro lugar, e usando apenas a visão, dei-me conta de um pormenor que colide com a ideia de que as camadas geológicas estão separadas por milhões de anos: Se tanto tempo decorreu, como é possível que as camadas geológicas estejam sobrepostas umas sobre as outras de forma perfeitamente linear e sem evidências de erosão? Na verdade, um simples evento acidental pode provocar rapidamente elevados níveis de erosão e de sedimentação, como foi o caso da rutura da Barragem de Oroville (Califórnia, EUA), quando, num período de poucos dias, se formou um profundo *Canyon* e uma deposição de sedimentos concentrada a jusante da Barragem.[5] Este exemplo, entre muitos outros, testifica de que a superfície da Terra vai acumulando cicatrizes da passagem do tempo, resultando em erosão e deposição de sedimentos que ocorrem ciclicamente. Se assim é, seria de esperar que a sequência de camadas geológicas fosse muito mais irregular, em resultado do efeito da exposição da superfície aos elementos.

Em segundo lugar, basta caminhar um pouco numa zona verde, ainda que no centro de uma cidade, para reparar que quer a vegetação quer os animais estão permanentemente a interagir com o solo. Sejam as plantas a perfurar o solo com as suas raízes; sejam os animais a escavar as suas tocas ou a perfurar túneis em que se movem, é comum verificar que onde há vida ocorre a chamada bioturbação, ou seja, perturbações na camada superficial do solo em consequência da ação da vida ve-

getal ou animal. Estas perturbações resultam numa homogeneização do solo, que acontece até dez centímetros de profundidade (correspondente a 10 mil anos de sedimentação, segundo as taxas defendidas contemporaneamente), mesmo no fundo marinho, originando, assim, a não delineação entre diferentes camadas geológicas.[6] Quer isto dizer que existe evidência que mostra que uma nova camada de sedimentos depositada sob uma mais antiga se mistura completamente com a camada inferior por bioturbação e que este processo demora não mais do que um ano.

Por último, outra evidência pode ser notada mais recentemente na região leste da comunidade valenciana – a camada de lama espalhada por toda a região afetada pelas cheias resultantes da ocorrência de uma precipitação anormal. Esta camada de sedimentos foi formada por correntes de turbidez, formando, deste modo, os chamados turbiditos, isto é, assentamento de sedimentos organizados de forma grano-classificada (sedimentos maiores em baixo e mais finos em cima). Então, esta forma de deposição de sedimentos é frequentemente visível na observação das camadas geológicas e, embora a datação radio-carbónica aponte no sentido da passagem de milhões de anos, no caso de Valência formou-se num período que pode ser medido na escala de horas.

Concluindo, a montanha da beira da estrada que pude observar na viagem assim como o que aconteceu em Valência, recentemente, mostraram-me que, afinal, um cenário de uma cronologia curta da história da vida na Terra pode ser perfeitamente tido como coerente com o registo bíblico, inclusivamente à luz da Geologia.

É caso para lembrar as palavras do Mestre dos mestres, quando respondia aos Fariseus que pretendiam que os discípulos de Cristo fossem silenciados: "E, respondendo ele, disse-lhes: Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão."[7]

De facto, as pedras ao nosso redor declaram que os cenários, defendidos por muitos, de uma vida gerada pelo acaso há milhões de anos se desmoronam ante as evidências que dia-a-dia são colocadas diante dos nossos olhos. Não podia ser de outra forma já que, se Deus é o Criador, e se foi Ele Quem inspirou as Sagradas Escrituras, naturalmente todas as Suas obras estarão em sintonia entre si.

1
Leonard Brand y Arthur Chadwick, *Fe, razón y la historia de la Tierra: Un paradigma de los orígenes de la Tierra y de la vida mediante un diseño inteligente*, trad. Roberto E. Biaggi, 1a ed., Libertador San Martín: Universidad Adventista del Plata, 2021, p. 432 (minha tradução).

2
Leonard Brand, *Creation? Really? A Conversation on Origins*, Pacific Press Publishing Association, 2019, p. 69.

3
Idem, p. 72.

4
Leonard Brand y Arthur Chadwick, *Fe, razón y la historia de la Tierra: Un paradigma de los orígenes de la Tierra y de la vida mediante un diseño inteligente*, trad. Roberto E. Biaggi, 1a ed., Libertador San Martín: Universidad Adventista del Plata, 2021, p. 491.

5
Ronny Nalin and Michael Kotulla, "Rapid Bedrock Incision by Water Stream Outburst: The Case of the Oroville Dam (California, USA)", *Geoscience Research Institute*, October 3, 2018. https://www.grisda.org/rapid-bedrock-incision-by-water-stream-outburst-the-case-of-the-oroville-dam-california-usa-1

6
Leonard Brand y Arthur Chadwick, *Fe, razón y la historia de la Tierra: Un paradigma de los orígenes de la Tierra y de la vida mediante un diseño inteligente*, trad. Roberto E. Biaggi, 1a ed., Libertador San Martín: Universidad Adventista del Plata, 2021, p. 490.

7
Lucas 19:40, *Bíblia Almeida Revista e Corrigida*, Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

Os Profetas e o Sábado

De Isaías a Ezequiel (Parte I)

Nesta série de dois artigos, iremos estudar em pormenor a noção que os Profetas de Israel tinham do Sábado enquanto instituição divina.

—

Paulo Lima
Editor da Revista Adventista

Introdução

O significado teológico do Sábado no Antigo Testamento, nomeadamente no *Pentateuco*[1] e nos Profetas, é de tal ordem que não podemos ignorar o que os Profetas de Israel foram inspirados a dizer sobre esse dia sagrado. Na verdade, embora o termo "Sábado" (*Shabbâth*) seja pouco frequente nos escritos dos Profetas,[2] os livros proféticos têm algo importante a dizer acerca do Sábado enquanto instituição divina, que complementa o que ficou dito no *Pentateuco*. Esta revelação profética sobre o Sábado reforçou, desde muito cedo, a apreciação do povo judeu pelo sétimo dia, tendo-o levado a sublinhar a importância desse dia para a fé de Israel, tanto no que toca aos dogmas teológicos, como no que diz respeito às práticas religiosas. No entanto, isto não significa que o Sábado tenha sido instituído por Deus para ser apenas um elemento exclusivo da fé judaica, como defendem muitos teólogos cristãos. Nesta série de dois artigos, iremos estudar em pormenor a noção que os Profetas de Israel tinham do Sábado enquanto instituição divina. Podemos dizer, desde já, que defenderemos as cinco teses seguintes:

1. Na Aliança renovada entre Deus e o Seu povo, a obrigação de observar o Sábado aplica-se a todos os seres humanos. Assim, também o estrangeiro que entra na Aliança com *Yahweh* deve observar o Sábado. Portanto, a observância do Sábado não é uma obrigação apenas do Israelita ou do Judeu.
2. Todos os que observam o Sábado no quadro da Aliança com o Deus Criador receberão a prometida bênção divina, tanto espiritual como material.
3. No Reino messiânico da Terra renovada manter-se-á a obrigação de se guardar o Sábado. Logo, o mandamento do Sábado será observado por todo o povo de Deus na Nova Terra, durante a eternidade.
4. A santificação do Sábado é uma obrigação a que estão sujeitos todos os crentes, no quadro da Aliança com Deus.
5. A observância do Sábado é um sinal da Aliança que existe entre o Deus Criador e Redentor e o Seu povo. Assim se explica que o Sábado seja um sinal de santificação dos crentes que integram o povo de Deus.

Com o objetivo de comprovar textualmente estas cinco teses, iremos realizar, em seguida, nesta série de dois artigos, uma interpretação de cinco importantes textos proféticos. Neste primeiro artigo, estudaremos três textos retirados do livro de Isaías, a saber: Isaías 56:1-8, Isaías 58:13 e 14 e Isaías 66:23. Num segundo artigo, analisaremos os textos de Jeremias 17:19-27 e de Ezequiel 20:12 e 13, 16, 20 e 21, 24. Lanço-lhe, assim, um desafio, caro Leitor: Procuremos definir com precisão o significado teológico do Sábado nos Profetas. Certamente chegaremos a conclusões importantes, capazes de nos induzirem a manter a nossa lealdade à vontade do Deus Criador que os inspirou.

A santificação do Sábado é uma obrigação a que estão sujeitos todos os crentes, no quadro da Aliança com Deus.

O Sábado e o estrangeiro

A primeira aparição do Sábado no livro do profeta Isaías surge num dos seus últimos capítulos. Eis o texto: "Assim diz o SENHOR: Mantende o juízo e fazei justiça, porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça prestes a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nisto se firma, que se guarda de profanar o sábado e guarda a sua mão de cometer algum mal. Não fale o estrangeiro que se houver chegado ao SENHOR, dizendo: O SENHOR, com efeito, me separará do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que eu sou uma árvore seca. Porque assim diz o SENHOR: Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança, darei na minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará. Aos estrangeiros que se chegam ao SENHOR, para o servirem e para amarem o nome do SENHOR, sendo deste modo servos seus, sim, todos os que guardam o sábado, não o profanando, e abraçam a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha Casa de Oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos. Assim diz o SENHOR Deus, que congrega os dispersos de Israel; ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos" (Isaías 56:1-8, *ARA*).

Esta perícope abre a Terceira Parte do Livro de Isaías (capítulos 56 a 66).

Nela, o profeta pronuncia uma profecia sobre o período de regresso do Exílio por parte do povo judeu. A comunidade judia voltou a instalar-se na Terra Prometida, e coloca-se o problema de integrar os não-Israelitas que aceitaram *Yahweh* como seu Deus durante o exílio de Israel em Babilónia. Não havia dúvida de que os que nasciam como Israelitas pertenciam à comunidade eleita por Deus. Mas os Gentios – nomeadamente, os Amonitas e os Moabitas – e os eunucos eram excluídos de Israel pela Lei de Moisés (Deuteronómio 23:1-8). Ora, em Isaías 56, o profeta elimina o caráter exclusivista que tinha caracterizado a pertença à Aliança com *Yahweh*. Imbuído de autoridade divina, ele alarga o estatuto de pertença à comunidade da Aliança, abrindo caminho para a integração de estrangeiros e de eunucos. Estes podem agora regozijar-se por pertencerem de direito ao povo de Deus. Exige-se apenas como condição que obedeçam aos Mandamentos do Senhor, sendo, entre estes, dado destaque ao mandamento do Sábado.

De facto, a perícope de Isaías 56:1-8 começa com um apelo para que o povo de Deus observe os mandamentos divinos, expresso na injunção para que se realize o "juízo" (*mishpat*) e a "justiça" (*tsᵉdaqah*). Esta observância dos mandamentos divinos revela-se como um dever dos seres humanos, e não apenas dos Israelitas. Com efeito, Isaías usa propositadamente neste contexto o par de sinónimos "*ʿenosh*" ("ente humano") e "*ben ʿadam*" ("filho do homem"), sendo que estes dois termos hebraicos se referem aos seres humanos em geral, com exclusão de qualquer pertença étnica específica.[3] Convém notar que o Sábado é enfaticamente apresentado como exemplo prático dos mandamentos divinos a observar pelos seres humanos. A obediência ao preceito do Sábado, manifestado na atenção para que não seja profanado, surge como um símbolo e um sinal da fidelidade à Aliança com *Yahweh*. O Sábado epitomiza o dever do Homem para com Deus e surge como uma marca distintiva do verdadeiro adorador do Deus Criador.

Para confirmar a proposta de salvação oferecida a todos os seres humanos que observem a justiça e o Sábado, Isaías invoca o caso de duas categorias de pessoas que eram consideradas inaptas para pertencerem ao povo de Deus: o estrangeiro e o eunuco.[4] Os eunucos eram, pelo menos em parte, Israelitas que tinham sido castrados para servirem nas cortes de Babilónia e da Pérsia. Os estrangeiros referidos aqui não eram os *gherim*, isto é, os estrangeiros imigrados que viviam habitualmente entre o povo de Israel e que tinham tanto deveres como direitos específicos (Levítico 17:12; Deuteronómio 10:19; 28:43). Eram, sim, os *nokrim*, ou seja, os estrangeiros que eram considerados como potenciais inimigos do povo de Deus, não lhes sendo reconhecidos quaisquer direitos ou privilégios (Deuteronómio 14:21; 15:3; 17:15; 23:20).[5] Com efeito, Isaías 56:3 e 6 refere-se ao *ben-hannekar* ("filho do estrangeiro") e ao *hannekar* ("estrangeiro"), expressões sinónimas de *nokri* ("estrangeiro"). É este tipo desfavorável de estrangeiro que Deus, através da palavra profética de Isaías, anima a não perder a espe-

O Sábado epitomiza o dever do Homem para com Deus e surge como uma marca distintiva do verdadeiro adorador do Deus Criador.

rança de chegar a pertencer de pleno direito ao Seu povo eleito.

Depois de abordar o caso do eunuco, em 56:4 e 5, e de ter feito depender a sua integração no povo de Deus da respetiva observância do Sábado, e da concomitante adesão à Aliança com *Yahweh*, Isaías discute nos dois versículos seguintes o caso do estrangeiro que pretende ingressar no povo de Deus. O profeta acolhe, em nome do Senhor, os estrangeiros no seio do povo da Aliança. As condições para esse acolhimento são simples: Ministrarem (*sharat*) em favor de *Yahweh*; amarem (*'ahab*) o nome do Senhor; e serem servos (*'abadim*) do Deus de Israel. A realização destas condições expressaria a adesão à Aliança com *Yahweh* e culminaria com a observância do Sábado, sinal exterior dessa adesão interior. A satisfação destas condições – nomeadamente, o respeito pelo Sábado – permitiria que os estrangeiros convertidos tivessem acesso ao Templo, oferecendo ali os seus sacrifícios e as suas orações.[6] Deste modo, o Templo de *Yahweh* seria uma "Casa de Oração para todos os povos" (Isaías 56:7).

Portanto, fica claro que, para Isaías, a observância do Sábado como testemunho externo de adesão à Aliança (*b'rit*) com o Deus Criador e, assim, como critério de pertença ao povo eleito é tão exigível aos Gentios convertidos como aos Judeus de nascença. Logo, esta perícope de Isaías é uma resposta conclusiva à objeção comum de que os Gentios crentes não estão obrigados a santificar o Sábado, porque este seria supostamente uma instituição exclusivamente aplicável aos Judeus. Na verdade, tanto Judeus como Gentios convertidos são chamados a observarem fielmente o Sábado no quadro da Aliança com o Senhor.[7]

O Sábado e a bênção divina

A segunda aparição do Sábado no livro de Isaías ocorre no capítulo 58. O texto diz o seguinte: "Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao Sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs,

então te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacob, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse" (Isaías 58:13 e 14, *ARA*).

Estes dois versículos são a conclusão de uma perícope – Isaías 58:1-14 – em que o profeta, falando em nome de *Yahweh*, apela a uma reforma espiritual no seio do povo de Deus e a uma alteração das suas distorcidas práticas cultuais e éticas. Deus promete que, se o Seu povo pautar a sua vida pela obediência às leis de Deus, que salvaguardam a justiça social (Isaías 58:6-8), então o Senhor o abençoará e abençoará a reconstrução das cidades da nação que tinham ficado destruídas desde o Exílio (Isaías 58:9-12). O profeta acrescenta em seguida a observância apropriada do Sábado como condição culminante de uma importante promessa de bênção. Se os membros do povo de Deus observarem o Sábado de modo correspondente à sua importância espiritual, serão recompensados com o favor divino e com a renovada posse da Terra Prometida (Isaías 58:13 e 14).[8] Vejamos, pois, de perto os dois versículos de Isaías 58:13 e 14.

Em Isaías 58:13, o profeta apresenta uma orientação e uma exortação para a correta santificação do Sábado. Isaías explica ao povo de Deus como deve observar o Sábado de acordo com a vontade divina. Começa pelas proibições. O Sábado surge como um terreno sagrado que não pode ser profanado por pés que viajam nesse dia. O dia também não deve ser empregue para a satisfação dos interesses pessoais. Depois vêm as injunções. Deve-se considerar o Sábado como um deleite, não como um fardo que limita a realização de atividades lucrativas. O Sábado será assim fonte de alegria e prazer, porque o crente tem aí o privilégio de servir Deus. Sendo um dia sagrado, deve ser honrado. Para esse efeito, o guardador do Sábado deve evitar perseguir a sua vontade ou falar palavras que não estão de acordo com a santidade do sétimo dia.

Isaías 58:14 promete ao povo que, se este observar o Sábado segundo estas orientações espirituais do Senhor, voltará a desfrutar da Sua amizade, deleitando-se em Deus e sendo por Ele abençoado. Deus recompensará a fidelidade do Seu povo, fazendo-o "cavalgar sobre os altos da terra"; isto é, os crentes avançarão em triunfo como novos conquistadores da Terra Prometida (cf. Deuteronómio 32:13; Salmo 18:33). Portanto, Isaías estava claramente a pensar numa nova tomada de posse da Terra Santa, que seria a maior bênção que o povo de Deus poderia ambicionar na circunstância histórica a que o profeta alude. Desta forma, é prometida, em termos concretos, a prosperidade material e espiritual aos fiéis que santificarem adequadamente o Sábado.[9]

Assim, Isaías ensina aos crentes no Deus Criador que o Sábado deve ser subtraído às tarefas e aos negócios do quotidiano, que são determinados pelos interesses pessoais. Ele deve ser oferecido a *Yahweh*; isto é, deve ser dedicado à comunhão com Deus e a ser santificado para glória do Senhor. A delícia do repouso sabático converte-se, deste modo, na delícia de estar com Deus.[10] Todos os que observam fielmente o Sábado no quadro da Aliança com o Deus

Criador – sejam eles Judeus ou Gentios – receberão a prometida bênção divina, tanto espiritual como material.

O Sábado na Nova Terra

A terceira presença do Sábado em Isaías ocorre no último capítulo do livro. Pode ler-se: "E será que, de uma festa da lua nova à outra e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR" (Isaías 66:23, *ARA*). Este importante texto a respeito do Sábado tem de ser compreendido no quadro do cenário escatológico da Terceira Parte de Isaías, que é composta pelos capítulos 56 a 66. O que nos dizem estes capítulos sobre a escatologia de Isaías?

O profeta Isaías apresenta um cenário entusiástico da reconstrução e da futura glória da Nova Jerusalém. Ele anuncia a vinda a Jerusalém dos representantes das nações e dos seus reis, trazendo consigo os Judeus exilados e um fluxo constante de riquezas materiais (Isaías 60:3-9). De facto, as nações estrangeiras e os seus reis servirão Jerusalém com as suas riquezas (Isaías 60:10-17). A cidade santa será protegida e estará a salvo de qualquer conflito bélico, e Deus será a sua luz perpétua (Isaías 60:18-20). Os habitantes de Jerusalém serão justos e herdarão a Terra, sendo fecundos em extremo (Isaías 60:21 e 22). As cidades de Judá serão reconstruídas, e os estrangeiros estarão ao serviço do povo da Aliança (Isaías 61:4 e 5), que será um povo sacerdotal alimentado pela riqueza das nações e ligado a Deus por uma Aliança eterna (Isaías 61:6-9). Deus criará novos Céus e nova Terra e alegrará Jerusalém (Isaías 65:17-19). "Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado" (Isaías 65:20, *ARA*). Os membros do povo santo serão prósperos na Terra renovada, serão longevos como as árvores e não "terão filhos para a calamidade" (Isaías 65:21-24, *ARA*). Também haverá paz no mundo animal da Nova Terra (Isaías 65:25). Missionários judeus irão anunciar a glória do Senhor entre as nações mais remotas, e estas reunir-se-ão em Jerusalém para contemplarem a presença de *Yahweh*, trazendo os membros dispersos do povo judeu na diáspora para a cidade santa. Alguns destes estrangeiros chegarão a servir no templo de Deus como sacerdotes (Isaías 66:18-21). Finalmente, toda a Humanidade convertida virá adorar *Yahweh* cada Lua nova e cada Sábado no Templo em Jerusalém (Isaías 66:23). Esta é, em traços gerais, a visão escatológica da Terceira Parte do Livro de Isaías.

Estas promessas proféticas foram feitas para o Israel histórico, que regressaria do exílio em Babilónia. Tal como acontece em geral com as profecias clássicas (*e.g.*, Jonas 1-4), o seu cumprimento era condicional, dependendo diretamente da obediência de Israel a Deus e ao Seu plano. Portanto, este cenário profético descrevia a Nova Jerusalém que poderia vir a existir após o cativeiro babilónico, caso o povo judeu tivesse sido fiel a Deus e tivesse cumprido a sua missão de ser luz para as nações. Podemos hoje constatar que o cenário escatológico da Tercei-

A docilidade de todos os animais na Nova Terra, apresentada por Isaías 65:25, não é negada ou contestada por nenhum escritor do Novo Testamento, pelo que será, certamente, uma realidade na Nova Terra escatológica.

ra Parte de Isaías não se realizou, por causa do falhanço espiritual da nação judaica. No entanto, não pode deixar-se de perguntar: Isaías 56-66 retrata o mesmo modo de existência humana na Nova Terra que Apocalipse 21 e 22 também retrata? Que relação pode ser estabelecida entre os dados da escatologia proposta por Isaías e os dados da escatologia cristã condensada, entre outros lugares, em Apocalipse 21 e 22?

Antes de mais, devemos ter noção de que o cenário escatológico da Terceira Parte de Isaías apresenta alguns aspetos que são incongruentes com o cenário escatológico esboçado pelos Evangelhos e por Apocalipse. É-nos dito, em Isaías 65:20, que maldição, pecado, pecadores e morte existiriam ainda na Nova Terra projetada pela profecia escatológica de Isaías 56-66. E, em Isaías 65:22 e 23, é-nos dito que os justos seriam longevos (mas não imortais) e que haveria o nascimento de crianças na Nova Terra. Assim sendo, coloca-se uma pergunta fundamental: Que aspetos da escatologia de Isaías 56-66 continuam a ser elementos escatológicos válidos e podem assim transitar para inclusão na escatologia do Novo Testamento? Por exemplo, a observância semanal do Sábado, indicada por Isaías 66:23, pode ainda ser considerada uma realidade no cenário escatológico cristão? Para sabermos que aspetos do cenário escatológico de Isaías 56-66 vão efetivamente estar presentes, ou não, na Nova Terra escatológica, devemos aplicar três princípios-chave intertextuais.[11]

O primeiro princípio é: "O que não é negado, mantém-se." Os aspetos descritivos da Nova Terra de Isaías 56-66 que (A) são confirmados e repetidos ou (B) não são negados por escritores bíblicos posteriores mantêm-se validos e podem ser considerados como aplicáveis à Nova Terra escatológica. Por exemplo, a docilidade de todos os animais (mesmo os que hoje são carnívoros) na Nova Terra, apresentada por Isaías 65:25, não é negada ou contestada por nenhum escritor do Novo Testamento, pelo que será, certamente, uma realidade na Nova Terra escatológica.

O segundo princípio é: "O que é negado não é transferido." O que os autores bíblicos posteriores a Isaías rejeitam ou negam explicitamente no tocante ao cenário de Isaías 56-66 não pode ser aplicado à Nova Terra escatológica. Por exemplo, Isaías 65:20 supõe a existência de morte, de pecado e de pecadores na Nova Terra, mas Apocalipse 21:4 e Apocalipse 21:8 e 21:27 rejeitam esta possibilidade. De facto, João declara claramente que não haverá morte, pecado e pecadores na Nova Terra. Isaías 60:22 e 65:23 supõem que nascerão crianças na Nova Terra. Mas Jesus deixou claro que, na vida humana depois da ressurreição geral e da entrada na eternidade, não haverá casamento e, portanto, não haverá geração de filhos (Mateus 22:29-32).

O terceiro princípio é: "Novas coisas serão incluídas." Na Nova Terra escatológica existirão coisas novas que não foram mencionadas no cenário escatológico de Isaías 56-66. Por exemplo, João diz-nos que a Nova Jerusalém descerá do Céu (Apocalipse 21:2 e 3); que o trono de Deus com a fonte de água viva estará instalado na cidade santa (Apocalipse 22:1, 3); e que o próprio Deus estará fisicamente presente junto do Seu povo remido (Apocalipse 22:4 e 5).

Apliquemos agora estes princípios-chave intertextuais ao texto de Isaías 66:23, que refere a observância do Sábado na Nova Terra. Dado que a adoração semanal ao Sábado, que é descrita em Isaías 66:23 como sendo um dos aspetos da vida na Nova Terra, *não é negada* por nenhum escritor inspirado que retrata o cenário escatológico no Novo Testamento, podemos concluir que a referida prática de adorar semanalmente ao Sábado estará presente na Nova Terra escatológica. O Sábado será guardado pelos crentes salvos na Nova Terra.

Fica assim claro que o Sábado é uma instituição eterna. Ele foi instituído por Deus na criação da Terra para ser observado pelo Homem (Génesis 2:1-3), e continuará a ser observado pelo Homem por toda a eternidade, quando a Terra for recriada para ser a habitação dos salvos de todas as eras e de todas as nações (Isaías 66:23). Assim, Isaías 66:23 é um texto crucial para a compreensão da importância intemporal e da validade perene

do Sábado como instituição ordenada por Deus no quarto mandamento do Decálogo (Êxodo 20:8-11).

Conclusão

Concluímos aqui o primeiro artigo desta série de dois artigos sobre os Profetas e o Sábado. Cremos que ficou textualmente demonstrada a verdade das três primeiras teses que queremos sustentar nestes artigos.

Com efeito, a primeira tese foi verificada, pois a perícope de Isaías 56:1-8 mostra-nos que a obrigação de observar o Sábado é imposta a todos os seres humanos que entram na Aliança com o verdadeiro Deus. Logo, a observância do Sábado não é algo que Deus exige apenas ao Israelita ou ao Judeu.

A nossa segunda tese também foi vindicada, uma vez que o texto de Isaías 58:13 e 14 mostra claramente que todos os crentes que observem o Sábado no âmbito da Aliança com Deus receberão a prometida bênção divina.

O Sábado será guardado por todo o povo de Deus no eterno Reino messiânico instaurado na Nova Terra.

Finalmente, a terceira tese que defendemos também foi comprovada, pois o texto de Isaías 66:23 indica evidentemente que o Sábado será guardado por todo o povo de Deus no eterno Reino messiânico instaurado na Nova Terra.

No próximo artigo, faremos a interpretação dos textos de Jeremias 17:19-27 e de Ezequiel 20:12 e 13, 16, 20 e 21, 24, tendo em vista comprovar as duas últimas teses enunciadas na introdução deste artigo. Primeira, que a santificação do Sábado é uma obrigação a que estão sujeitos todos os crentes no quadro da Aliança com Deus. Segunda, que a observância do Sábado é um sinal da Aliança santificadora que existe entre Deus e o Seu povo.

1
Abordámos o tema do Sábado no *Pentateuco* nos dois artigos seguintes: Paulo Lima, "O Sábado no *Pentateuco*: Do Éden ao Sinai (Parte I)", *Revista Adventista*, março de 2022, pp. 12-19, e Paulo Lima, "O Sábado no *Pentateuco*: Do Éden ao Sinai (Parte II)", *Revista Adventista*, abril de 2022, pp. 11-19.

2
Há vinte e oito versículos, em seis livros proféticos, que mencionam o Sábado. Essas ocorrências são as seguintes: Isaías 1:13; 56:2, 4, 6; 58:13; 66:23; Jeremias 17:21 e 22, 24, 27; Ezequiel 20:12 e 13, 16, 20 e 21, 24; 22:8, 26; 23:38; 44:24; 45:17; 46:1, 3 e 4, 12; Lamentações de Jeremias 2:6; Oseias 2:11; e Amós 8:5. Laurentiu G. Ionescu e Gerhard Pfandl, "The Sabbath in the Prophets", in *The Sabbath in the Old Testament and Intertestamental Period*, ed. Daniel Bediako e Ekkehardt Mueller, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2021, p. 149.

3
Shalom M. Paul, *Isaiah 40-66* (Eerdmans Critical Commentary), Grand Rapids; Mich.: Wm. B. Eerdmans, 2012, pp. 450 e 451. L. Alonso Schokel e J. L. Sicre Diaz, *Profetas I: Isaías e Jeremias*, São Paulo: Edições Paulinas, 1988, p. 359.

4
Yvan Maréchal, *Le livre d'Isaïe ou l'expérience du salut*, [s. l.]: Parole et Silence, 2011, p. 353.

5
Angelo Penna, *Isaia* (*La Sacra Bibbia*), Roma: Marietti, 1964, p. 552. Yvan Maréchal, *Le livre d'Isaïe ou l'expérience du salut*, p. 356.

6
Yvan Maréchal, *Le livre d'Isaïe ou l'expérience du salut*, pp. 356 e 358. J. Ridderbos, *Isaías*, São Paulo : Vida Nova, 2011, p. 460.

7
Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976, vol. IV, pp. 299 e 300.

8
Edward J. Kissane, *The Book of Isaiah*, Dublin: The Richview Press, 1943, vol. II, p. 231.

9
Edward J. Kissane, *The Book of Isaiah*, p. 239. J. Ridderbos, *Isaías*, p. 476.

10
Alonso Schokel, *Isaías*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1968, p. 274.

11
Seguimos Jiri Moskala, "Does Isaiah 65:17-25 Describe the Eschatological New Heavens and the New Earth?", *Faculty Publications*, 2016, 206, pp. 204-209.

Daniel K. Bediako
Diretor-Associado do Instituto de Pesquisa Bíblica

Retirado da revista Ministry *de fevereiro de 2024.*

Quando Jesus confessar o seu nome

Neste breve estudo, sugerirei que a confissão dos nomes dos crentes por Jesus tem um caráter judicial e sustenta, com as próprias palavras de Jesus, a realidade do Juízo Pré-Advento.

Recentemente, alguém perguntou-me: "Se o Juízo Pré-Advento é tão importante como nós dizemos ser, por que razão Jesus não disse nada sobre isso?" A minha resposta foi simples: "A Escritura é a Palavra de Deus, pelo que qualquer ensino que encontramos nela vem de Jesus. Além do mais, Ele aludiu a esse Juízo na Parábola das Bodas, em Mateus 22." Ao pensar mais a fundo na questão naquela tarde, também me lembrei das promessas de Jesus presentes em Mateus 10:32 e 33; em Lucas 12:8 e 9; e, ainda, em Apocalipse 3:4 e 5 e 6:9-11. Neste breve estudo, sugerirei que a confissão dos nomes dos crentes por Jesus tem um caráter judicial e sustenta, com as próprias palavras de Jesus, a realidade do Juízo Pré-Advento.

Mateus 10:32 e 33 e Lucas 12:8 e 9

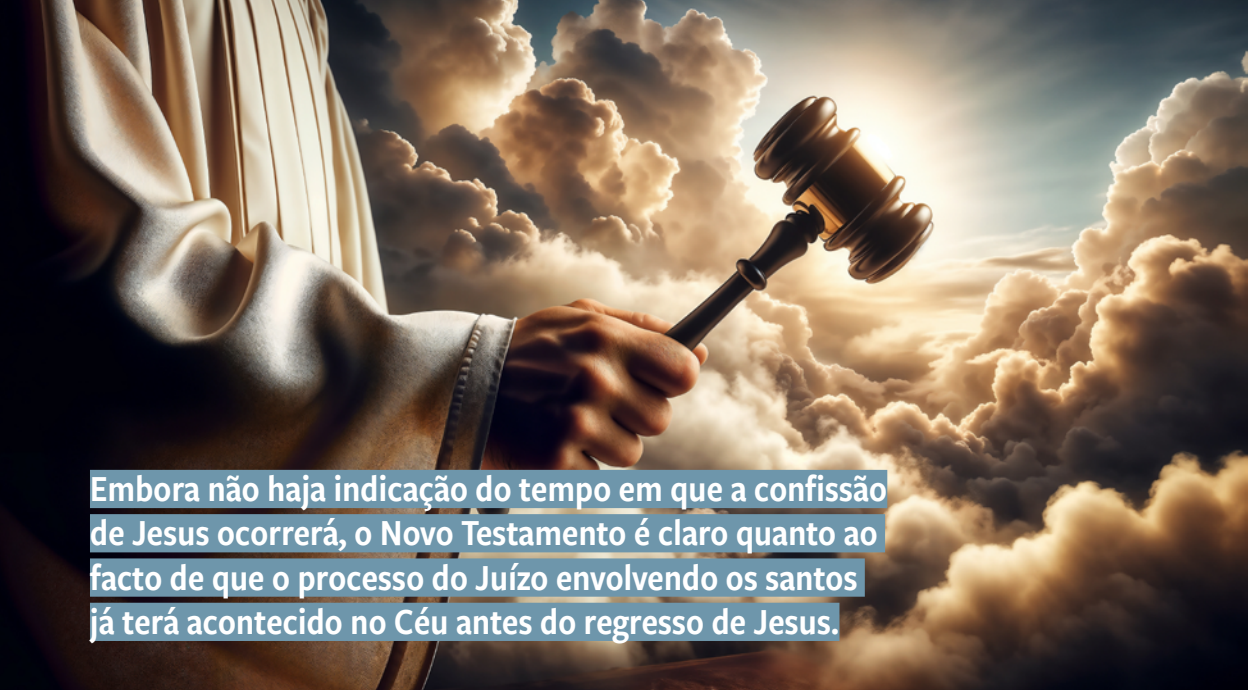
Em Mateus 10:26-31, Jesus encoraja os discípulos a testemunharem ousadamente sobre Ele. Eles não deveriam temer as autoridades humanas, mesmo se fossem perseguidos. Jesus negará todos os Seus professos seguidores que O negarem (v. 33), mas aqueles que O reconhecerem (*homologeô*), Ele também reconhecerá (*homologeô*) perante o Pai (v. 32). Na passagem paralela de Lucas, Jesus promete reconhecê-los (*homologeô*) "perante os anjos de Deus" (v. 8). O verbo grego *homologeô* tem vários sentidos, incluindo "fazer uma declaração" ou "testemunhar" num sentido legal,[1] um sentido presente nestas passagens. Nelas, Jesus aponta para "uma cena jurídica ... no cenário do tribunal celeste".[2]

O verbo grego* homologeô *tem vários sentidos, incluindo "fazer uma declaração" ou "testemunhar" num sentido legal.

Tal como foi também notado por alguns académicos, Daniel 7 parece apresentar o pano de fundo temático e contextual de Mateus 10 e Lucas 12. O contexto forense, o juízo "perante" o Ancião de Dias e os anjos, o papel do Filho do Homem e o juízo que é declarado "em favor" dos "santos" – tudo contribui para fazer de Daniel 7:9-14 o pano de fundo apropriado para as declarações de Jesus. É interessante notar que o Juízo em Mateus 10 e em Lucas 12, como em Daniel 7, inclui o juízo dos crentes professos.

Apocalipse 3:4 e 5

Em Apocalipse 3:4 e 5, Jesus promete à igreja de Sardes que os nomes dos fiéis nunca serão apagados do livro da vida e que os fiéis serão vestidos com vestes brancas por terem vencido as provações. Tal como em Mateus 10 e em Lucas 12, o Senhor promete "confessar" (*homologeô*) o nome dos verdadeiros crentes "diante do meu Pai e diante dos seus anjos" (Apocalipse 3:5). Também aqui, Daniel 7 serve de pano de fundo. A confissão de nomes em Apocalipse 3 está ligada com o livro da vida, certamente um dos "livros" a partir dos quais é pronunciado o juízo em favor dos santos (Daniel 7:9 e 10, 22). Em Apocalipse 3:1-3, Jesus diz que Ele conhece as obras dos crentes em Sardes e que as suas obras não estão completas perante



Embora não haja indicação do tempo em que a confissão de Jesus ocorrerá, o Novo Testamento é claro quanto ao facto de que o processo do Juízo envolvendo os santos já terá acontecido no Céu antes do regresso de Jesus.

Deus, no entanto há alguns "nomes" que não mancharam as suas vestes (v. 4). A promessa de confessar os nomes dos fiéis apresentada nos versículos seguintes liga as obras com o Juízo.

Apocalipse 6:9-11

Em Apocalipse 6:9-11, João vê almas sob o altar que clamam por justiça contra aqueles que lhes tiraram a vida por causa do seu testemunho em favor de Cristo, mas o Senhor responde que elas necessitam de repousar "ainda um pouco de tempo" (v. 11). Tal como na mensagem à quinta igreja (Sardes), a mensagem do quinto selo refere-se a vestes "brancas" a conceder àqueles que vencerem pela fé e pela perseverança. Em Apocalipse 3:4 e 5, o juízo em que Jesus confessa os nomes dos fiéis precede a dádiva ou o uso de vestes brancas de vitória.

O verbo *plêroô* (traduzido em Apocalipse 6:11 como "ser completado") descreve a atividade que deve ocorrer antes do Juízo Vingador. Este verbo tem vários significados, incluindo encher uma medida específica (Mateus 23:32), chegar ao fim (Atos 7:23; 9:23; Lucas 21:24) ou completar (cf. Lucas 7:1; Atos 13:35). Embora alguns académicos compreendam este versículo em Apocalipse 6 como referindo-se a "ser completado ou tornado perfeito em caráter",[3] eles não compreendem *plêroô* num específico sentido forense. No entanto, há evidências que sugerem essa nuance em Apocalipse 6:11. Mesmo fora de Apocalipse, o "aperfeiçoamento" do caráter descrito por este verbo está ligado com a Lei (Romanos 8:4; 13:8; II Coríntios 10:5 e 6).

O uso de uma forma passiva de *plêroô* em Apocalipse 6:11 permite a observação de que os crentes sujeitos à ação divina são os recetores de uma ação divina: Eles serão *tornados* completos/perfeitos por Cristo. Os versículos 9 e 10 sugerem que este exercício de "completamento" será concluído

antes do Juízo Executivo (vingador). A outra vez em que o mesmo verbo ocorre em Apocalipse encontra-se na mensagem à quinta igreja (Sardes), onde Cristo diz: "porque não achei as tuas obras perfeitas [*plêroô*] diante de Deus" (Apocalipse 3:2). Achar perfeitas as obras de alguém "diante de Deus" transmite a ideia de um Juízo legal. E, mais uma vez, a frase "diante de Deus" conota uma imagística ligada ao tribunal celeste. Portanto, em Apocalipse, o verbo *plêroô* aparece em contextos forenses. O Juízo Executivo virá depois de um processo jurídico em que os crentes são tornados completos. As ligações lexicais entre Apocalipse 3:2-5 e 6:9-11 sugerem que a "confissão" por Jesus dos nomes dos Seus seguidores fiéis, na primeira passagem, está em paralelo com o Seu "completar" dos crentes, na segunda passagem. É uma atividade divina no decorrer da qual os crentes serão vindicados na base da sua fé e da sua vida em Cristo.

A referência a "almas" sob o "altar" que clamam pelo Juízo Executivo de Deus (v. 9) une com o Santuário Celeste tanto o processo de "aperfeiçoamento" dos santos como o Juízo Executivo. Esta ligação do juízo dos santos que passaram por tribulações com o Santuário Celeste em Apocalipse 6 lembra Daniel 8, onde é dito que o Santuário será purificado (v. 14) depois do período de 2300 dias em que ocorrem as tribulações e as abominações causadas pelo poder representado pela ponta pequena.

O tempo do Juízo

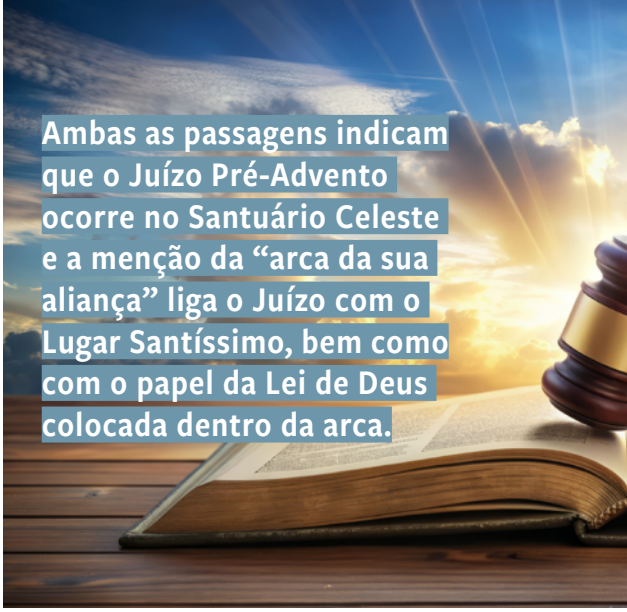
Em Mateus 10 e em Lucas 12 não há indicadores temporais para a entrada em sessão do tribunal celeste. Embora não haja indicação do tempo em que a confissão de Jesus ocorrerá, o Novo Testamento é claro quanto ao facto de que o processo do Juízo envolvendo os santos já terá acontecido no Céu antes do regresso de Jesus; já está feita a determinação de quem receberá a vida eterna e de quem não a receberá quando Jesus aparecer com os Seus anjos (II Tessalonicenses 1:6-10; 2:8; Apocalipse 14:13) e os justos forem reunidos (Mateus 24:31) – os justos mortos são ressuscitados (I Coríntios 15:50-54; Apocalipse 20:5 e 6) e "arrebatados" juntamente com os justos vivos – "a encontrar o Senhor nos ares" (I Tessalonicenses 4:16 e 17). No entanto, dado que o pano de fundo de Mateus 10:32 e 33 e de Lucas 12:8 e 9 no Antigo Testamento é Daniel 7, os indicadores cronológicos em Daniel podem também ser aplicados às declarações de Jesus. Em Daniel 7, a entrada em sessão do tribunal com os livros abertos perante o Ancião de Dias e os anjos ocorre *depois* das atividades do poder persecutório representado pela ponta pequena, atividades destrutivas que cessaram por volta do fim do século XVIII.

Marcadores cronológicos explícitos da confissão, por Jesus, dos nomes dos crentes aparecem nas passagens de Apocalipse. Primeiro, é o uso do substantivo grego *chronos*, "tempo", em Apocalipse 6:11. Em Apocalipse, este substantivo denota o "tempo" em que é possível o arrependimento (Apocalipse 2:21), e o "tempo" durante o qual Satanás será libertado, antes da sua destruição (Apocalipse 20:3). Em Apocalipse 10:6, *chronos* denota o

"tempo" em que o Juízo Pré-Advento deve começar. Há paralelos significativos entre Apocalipse 10:6 e 7 e Daniel 12:4 e 7 que permitem validar a conclusão de que "o que é mais decisivo para a compreensão do significado de *chronos,* em Apocalipse 10:6, é o reconhecimento [...] de que esse versículo é uma citação virtual de Daniel 12, e, em Daniel 12 [v. 7], a referência é a um período de tempo profético indicado pelo anjo"[4]. Quando o anjo em Apocalipse jura que não haverá mais "tempo" (Apocalipse 10:6), podemos compreender que o período profético "tempo, tempos e metade de um tempo" em Daniel 12:7 chegou ao fim.

Tal como em Apocalipse 10:6, ligações temáticas entre Daniel e Apocalipse 6:9-11 formatam o significado de *chronos* no versículo 11 de Apocalipse 9. A pergunta introduzida por "Até quando?" (v. 10) e o uso de *chronos*, "tempo" (v. 11), relembram a pergunta "Até quando?" ligada com as profecias cronológicas em Daniel: as profecias dos 1260 dias (*i.e.*, "tempo, tempos e metade de um tempo") e dos 2300 dias (*i.e.*, "tardes e manhãs"), depois das quais começa o Juízo Pré-Advento (Daniel 7:25 e 26; 8:13 e 14; 12:6 e 7). Assim, em Apocalipse 6:11, *chronos* aponta, provavelmente, para o período do Juízo Pré-Advento.

Há uma perspetiva futura em Apocalipse 3:4 e 5 e 6:9-11. Isto é indicado por expressões como "de maneira nenhuma riscarei" e "confessarei o seu nome" (Apocalipse 3:5), "Até quando", "repousem ainda um pouco" e "até que também se completasse" (Apocalipse 6:9-11). Nestes casos, Jesus indica que a atividade forense de *confessar* os nomes dos crentes (Apocalipse 3:4 e 5) ou de *completar* os crentes (Apocalipse 6:9-11) ocorrerá num período temporal futuro. Se entendemos corretamente as declarações de Jesus, estas passagens sugerem que, durante os períodos históricos cobertos pela quinta igreja (Sardes) e pelo quinto selo – que os Historicistas colocam em 1517-1755[5] –, o Juízo Pré-Advento ainda não começara.



Apocalipse 11:15-19 e 14:6 e 7 têm sido compreendidos como anunciando o tempo ou a atividade do Juízo Pré-Advento.[6] Apocalipse 14 mostra que esta fase do Juízo precede a Segunda Vinda e decide o destino de toda a gente (vv. 14-20), e este Juízo é simultâneo com a pregação final do Evangelho (vv. 6-12).

Note as ligações lexicais entre Apocalipse 11:18 e 19 e 6:9-11 quanto ao tempo, ao âmbito e à localização do Juízo. Em Apocalipse 6, diz-se às "almas" que esperem "ainda um pouco de tempo", até que o número dos cren-

tes seja "completado", mas, em Apocalipse 11, a ação divina já começou. As ligações entre as duas passagens sugerem que aquilo que é prometido no capítulo 6 (*i.e.*, o completar dos crentes antes do Juízo Executivo) está a ser cumprido no capítulo 11 (*i.e.*, a atividade do Juízo Pré-Advento) e que o Juízo envolve os professos seguidores de Cristo (cf. Apocalipse 20:4-15).

Ambas as passagens também indicam que o Juízo Pré-Advento ocorre no Santuário Celeste e a menção da "arca da sua aliança" liga o Juízo com o Lugar Santíssimo, bem como com o papel da Lei de Deus colocada dentro da arca. O interlúdio entre a sexta e a sétima trombetas menciona a profecia dos 1260 dias (Apocalipse 11:3), o mesmo período em que decorrem as atividades da ponta pequena, em Daniel 7:25 e 12:7. O Juízo Pré-Advento ocorre no tempo do fim, que começou depois da realização das profecias dos 1260 dias e dos 2300 dias (Daniel 8:14; 12:7-13; Apocalipse 10:6 e 7; 11:1-3, 15-19).

Conclusão

Tentámos demonstrar que as declarações de Jesus em Mateus 10:32 e 33 e em Lucas 12:8 e 9, bem como em Apocalipse 3:4 e 5 e Apocalipse 6:9-11, consideradas no seu pano de fundo veterotestamentário encontrado no livro de Daniel, apontam para a fase Pré-Advento do Juízo final. Este Juízo está ligado com o Santuário Celeste e ocorre depois da realização da profecia dos 1260 dias.

É um Juízo em que Jesus *confessará* perante as inteligências celestes os nomes dos Seus fiéis seguidores, justificando assim – com base no Seu sacrifício expiatório e na Sua veste de justiça – o facto de os seus nomes permanecerem no livro da vida, e de eles serem recompensados com a vida eterna. Quão tranquilizadoras são para os crentes estas palavras do Senhor!

1 Geoffrey W. Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament Abridge in One Volume* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), p. 688.

2 Joel B. Green, *The Gospel of Luke*, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997), p. 484.

3 Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: A Commentary on the Book of Revelation*, 2nd ed. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009), p. 245.

4 Richard M. Davidson, *A Song for the Sanctuary: Experiencing God's Presence in Shadow and Reality* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2022), p. 674.

5 Veja *Andrews Bible Commentary*, New Testament, ed. Ángel M. Rodríguez (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2022), pp. 1942 e 1957.

6 Jan Paulsen, "Sanctuary and Judgement", *in Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies*, bk. 2, *Daniel and Revelation Committee Series 7*, ed. Frank B. Holbrook (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), pp. 292 e 293.

John N. Andrews
Pioneiro da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Retirado da Adventist Review *de outubro de 2024.*

As necessidades da Causa de Cristo

Aquele que está à frente da Obra pode usar os instrumentos mais fracos para o avanço da Sua Causa.

A Causa de Cristo sofre por falta de homens fiéis e devotados. Não são os grandes homens que constituem a força da Causa da verdade, são, sim, os homens de piedade e experiência, que não vivem para si, mas para Aquele que morreu por eles e que ressurgiu. Esta classe de homens é a força da Igreja, pois eles fazem de Deus a sua força e a sua dependência. Não são os homens ricos que são necessários. Não são homens de grande intelecto, mas homens de grande coração, que Deus Se agrada de aceitar. Grandes talentos e riquezas abundantes podem prestar um serviço inestimável na Causa de Cristo. Mas, em grande parte, Satanás é capaz de alistar tudo isso no seu próprio serviço.

No entanto, a Causa de Cristo não depende dos homens. Aquele que está à frente da Obra pode usar os instrumentos mais fracos para o avanço da Sua Causa. Ele convida todos para que se tornem Seus servos. Ele escolhe, a partir deste vasto número de convidados, apenas aqueles que se submetem ao Seu serviço. Ele não tem lugar para o homem convencido e arrogante. Nem há qualquer lugar a ser preenchido pelo Fariseu cheio de justiça própria e de orgulho. O Salvador não tem emprego para aqueles que são apenas aptos, como Pedro no Horto, para lutar por Ele, mas que são totalmente inaptos para sofrer vergonha por causa d'Ele. Há muitos que têm zelo por si mesmos e pela sua promoção, mas que não têm o interesse por Cristo que sempre se manifesta em atos de devoção à Sua Causa. O Senhor não tem uso para qualquer uma destas pessoas.

1. A Causa de Deus necessita do serviço de homens integralmente convertidos. Estes são pessoas que puseram de parte o velho homem e assumiram o novo. O eu, neles, morreu. Ou melhor, ele morre diariamente. Para eles, a Causa de Deus é mais preciosa do que a sua vida. Estes são, de facto, o povo de Deus. Estas são as pessoas que andam com Deus. Não importa quão baixa é a sua posição social ou quão humilde é o seu dom e a sua vocação; elas são os pilares da Igreja. Se todos os que se ligam à Causa de Deus fossem desta classe, a Obra de Deus faria progresso firme e contínuo!

2. A Causa de Deus necessita de homens que não consideram preciosa a sua vida. Há poucos homens assim no mundo; mas onde quer que eles se encontrem, são servos de Cristo. Eles nunca lutam pela preeminência, exceto naquilo que não é passível de exibição. A Igreja nunca é sobrecarregada pelas provações que estes homens causam. Os homens do mundo nunca se escandalizam por causa do seu mau exemplo. Eles deixam a sua luz brilhar de tal modo que outros veem as suas boas obras e glorificam o seu Pai que está no Céu.

3. A Causa de Deus necessita de homens que possam suportar o desapontamento. O registo histórico do povo de Deus mostra que tem sido sujeito, em determinados tempos, a esta provação. De facto, parece que ela tem sido a porção dos mais eminentes homens ao serviço d'Ele. Moisés, Elias, João Batista e os apóstolos de Cristo são exemplos marcantes deste facto. Deus permite que os Seus servos sejam sujeitos a amargo desapontamento para revelar o que está no coração deles. O desapontamento mostra se o coração está realmente firmado em Deus e pa-

rece ser a porção de todos os membros do povo de Deus experimentá-lo na sua experiência espiritual.

4. A Causa de Deus necessita de homens humildes, pacientes, vigilantes e exemplares, que amam e temem o Criador dos Céus e da Terra. Ela necessita de genuínos Cristãos. Ela necessita daqueles que têm a alma implicada na Obra. Necessita daqueles que têm a honra de Deus e a salvação dos homens mais perto do coração do que qualquer outra coisa. Ela é prejudicada por aqueles que assumiram o nome de Cristo, mas não abandonaram toda a iniquidade.

5. Ela exige fidelidade, zelo, abnegação, humildade e todas as demais graças cristãs no coração e na vida dos que são reconhecidos como ministros de Jesus Cristo. Com um tal corpo ministerial, quão prontamente o Senhor entraria na batalha e que Igreja teríamos para ilustrar a sua pregação! Os servos do Deus vivo seriam, efetivamente, soldados valentes de Jesus Cristo. E, com um povo em que todos seriam Cristãos vivos, que exército teríamos para batalhar contra os poderes das trevas!

6. Uma Igreja totalmente convertida a Deus, em que cada membro seria um exemplo para todo o rebanho, e que teria consigo o abundante poder do Espírito Santo para fazer o povo compreender a verdade de Deus – estas são as coisas que vão ao encontro da exigência da Causa de Deus. Mas por que razão não deve ser este estado de coisas que representa exatamente o nosso caso? Por que razão não temos um tal corpo ministerial? Porque não temos tais membros nas nossas igrejas? Este género de crentes é o único que entrará no Reino de Deus. Porque havemos de enganar o nosso próprio coração com uma profissão de fé vazia? Caso tivéssemos tais homens para pregar a verdade e tais homens para a viver, quão eficazmente o Espírito de Deus faria as pessoas compreenderem as verdades da Sua Palavra. O número de igrejas seria multiplicado e um exército de homens fiéis levantar-se-ia para trabalhar no campo da colheita. A Causa de Deus prosperaria por toda a parte e o Senhor acrescentaria diariamente à Igreja aqueles que se deveriam salvar. O povo de Deus seria terrível como um exército com bandeiras e avançaria de conquista em conquista. Assim, não nos dedicaremos à realização da Obra?

Vamos, meus irmãos, busquemos fervorosamente Deus! As horas do nosso tempo de graça estão velozmente a passar. O Juízo apressa-se com temível rapidez. O trabalho que nos foi confiado está a definhar. Será que o Mestre virá para nos encontrar assim? Onde está o nosso zelo pelas almas que perecem? Onde estão os atos de abnegação e de renúncia da nossa parte para salvarmos os nossos semelhantes que perecem? Quantos são como a figueira, cobertos de folhas, mas sem frutos? Como está o nosso registo de contas que será revisto naquele grande dia? Quantos de nós podem dizer, em consciência, que estão a fazer a vontade de Deus com esforço fervoroso e perseverante? Quantos amam a Causa de Cristo acima de tudo o que possuem? Apressa-se muito o dia em que serão reveladas as coisas tais como elas são. Preparemo-nos para o encontrar!

Marcos Osório
Arqueólogo

RádioRCS
91.2 fm

radiorcs.novotempo.pt
/podcasts/gravado-na-pedra

GRAVADO NA PEDRA

A contestada referência ao rei David na estela de Mesha

Foi em 1868 que o missionário anglicano Frederick Augustus Klein descobriu, na Jordânia, a 24km para leste do Mar Morto, uma estela de basalto preto, com um metro de altura, completamente revestida de letras. Os arqueólogos denominam como "estela" qualquer pedra monumental colocada na posição vertical, onde são adicionados elementos decorativos ou inscrições.

Neste caso, esta estela, também conhecida como Pedra Moabita, continha 34 linhas de texto, que fazem dela uma das inscrições mais antigas e extensas encontrada na área de Israel e da Jordânia.

A epígrafe está escrita em língua moabita: Um dialeto semítico falado na região, que poderia muito bem ser considerado uma forma arcaica do próprio hebraico. Segundo a Bíblia, o povo de Moabe descendia de Ló, sobrinho de Abraão. Por isso, não é de estranhar que os Moabitas, descendentes de Ló, e os Hebreus, descendentes de Abraão, falassem uma língua muito semelhante, sendo provável que um Moabita e um Hebreu se entendessem mutuamente.

Da sua leitura depreende-se que ela foi mandada erguer pelo rei Mesha de Moabe, na sua capital Dibon – mencionada, por exemplo, em Números 21:30 – descrevendo as suas vitórias militares sobre os reinos inimigos de Israel e Judá (Na'aman, 1997).

Embora Moabe e Israel tenham uma longa história de intercâmbio – a própria bisavó do rei David, de nome Rute, era uma Moabita que emigrou para Judá –, estes dois povos tiveram frequentes conflitos bélicos, lutando pelo controlo de certas áreas estratégicas, que passavam de um reino para o outro, ao

longo dos séculos, especialmente as zonas de exploração mineira de cobre.

A cronologia da estela deve recuar às últimas décadas do século IX a.C., e os eventos aí descritos conferem com a narrativa bíblica do segundo livro de Reis, capítulo 3, onde é mencionada a guerra dos Moabitas contra Israel. "*Ora, Mesha, rei de Moabe, era criador de ovelhas e teve de entregar ao rei de Israel 100 000 cordeiros e a lã de 100 000 carneiros. Mas quando morreu Acabe, o rei de Moabe se rebelou contra o rei de Israel.*"

Ambos os textos – o segundo livro de Reis e a inscrição de Mesha – descrevem o mesmo evento, mas de uma forma completamente diferente. A Estela de Mesha cita a bem-sucedida revolta moabita e recaptura do território, mas não fala da sua derrota no Sul pelas forças israelitas. Da mesma forma, a Bíblia regista a revolta de Mesha, mas

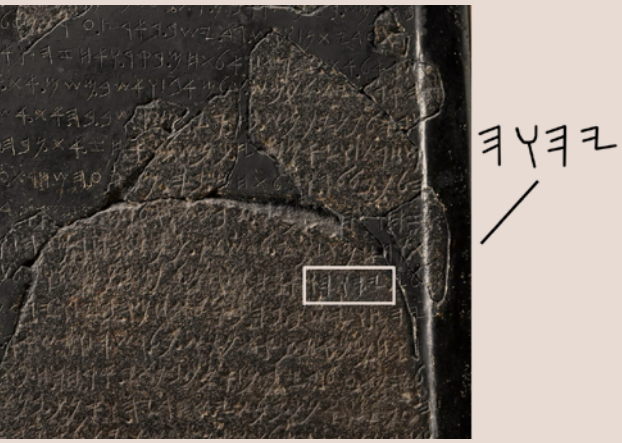


Fig. 1 – A estela de basalto do rei Mesha, do séc. IX a.C. (©Wikipedia. Museu do Louvre, P1120871).

Fig. 2 – Pormenor da referência escrita ao Tetragrama (Adaptado a partir de ©Musée du Louvre. Mathieu Rabeau. 2014).

não fornece detalhes sobre algumas das vitórias militares dos Moabitas. Cada documento narra os eventos desde a sua perspetiva, refletindo propósitos específicos, o que é compreensível.

Aquando da sua descoberta, a Estela de Moabe foi considerada um dos mais proeminentes achados epigráficos da Arqueologia Bíblica, uma vez que nela se identificaram, com notável precisão, várias referências a nomes e a personagens bíblicos, corroborando, com surpreendente minúcia, a veracidade das Escrituras.

Em primeiro lugar, o texto confirma a existência de "Omri, rei de Israel", filho de Acabe. Depois, menciona os "homens de Gad" (uma das tribos israelitas que se estabeleceram a norte de Moabe). Contém uma das mais antigas referências às quatro consoantes que formam o nome hebraico do Deus de Israel – o *tetragrama*. Inclui seis alusões a "Israel", sendo as mais antigas referências epigráficas conhecidas a esta nação, depois do Pedestal de Berlim e da Estela de Merenptah.

Mas, o que conferiu notoriedade a esta estela foi a referência à "Casa de David", constituindo a primeira evidência arqueológica que assegura a sua existência.

A Pedra Moabita não é o único documento epigráfico que cita a "Casa de David". A Estela de Tel Dan, descoberta em 1993 no Norte de Israel, e contemporânea da primeira, oferece uma outra evidência arqueológica da figura histórica de David. Contudo, a epígrafe, traduzida do aramaico (Biran e Naveh, 1993), é igualmente objeto de análise crítica por parte da comunidade académica, que adota uma postura de prudência na sua interpretação. Os estudiosos argumentam que a referência pode aludir a outra pessoa ou tratar-se apenas de uma figura lendária.

Voltando à análise da Estela de Mesha, não obstante a sua inestimável relevância arqueológica, ela foi gravemente danificada pouco depois da sua descoberta, na disputa sobre a sua posse entre os Beduínos da tribo Bani Hamida e as autoridades otomanas que exerciam domínio sobre o território. Ao depararem-se com a iminente transferência da estela para a custódia dos Turcos, os Beduínos aqueceram a pedra ao lume, enquanto atiravam água sobre ela, fazendo com que rachasse e se quebrasse em vários pedaços, desafiando assim as autoridades otomanas.

Este deplorável ato de vandalismo causou a fragmentação da estela em múltiplos pedaços, comprometendo severamente a sua integridade estrutural. Felizmente, Charles Clermont-Ganneau, arqueólogo francês, fez um decalque da inscrição em papel moldável antes

de a estela ser danificada (Finkelstein *et al.*, 2019: 3). E foi com base nessa cópia impressa que se pôde, mais tarde, juntar os fragmentos da pedra e reconstruir as partes que faltavam. Hoje, a estela encontra-se em segurança no Museu do Louvre, em Paris, mas reduzida apenas a dois terços da sua totalidade.

Infelizmente, a parte da estela que mencionava o rei David como o fundador da dinastia de Judá, na 31ª linha, foi danificada e está parcialmente ilegível, o que tem dificultado a sua leitura e a confirmação histórica do monarca. Como tal, a referência à "Casa de David" é hoje muito debatida e questionada.

Como qualquer outra inscrição semita, o texto da Pedra Moabita não tem vogais. A expressão "Casa de David" consiste apenas de cinco consoantes correspondentes às nossas letras "*bt dwd*" (*bt* equivale a "casa", e diz-se *bet*; e *dwd* é o nome "David"). Porém, na pedra, apenas a primeira e a quarta letras são totalmente legíveis. As outras três estão danificadas (Finkelstein *et al.*, 2019: 3).

Em 1994, os epigrafistas André Lemaire e Jean-Philippe Delorme defenderam que existiam indícios suficientes na estela que sustentavam as outras três letras, interpretando o termo como uma alusão explícita à linhagem real estabelecida pelo rei David.

Não obstante, vários autores manifestaram reservas, sublinhando o caráter especulativo desta interpretação e alertando para a necessidade de uma análise mais cautelosa. Philip Davies, da Universidade de Sheffield, argumentou que o termo hebraico *BT DWD* podia referir-se a uma povoação (tal como *BT LHM* é *Betlehem*, a cidade de Belém, ou

Fig. 3 – Detalhe da 31ª linha, onde se menciona a "Casa de David" (Adaptado a partir de ©Musée du Louvre. Mathieu Rabeau. 2014).

BT L é *Betel*) (1994: 55). Já outros proeminentes arqueólogos da Universidade de Telavive sugeriram que o nome mencionado na estela era Balaque, um Moabita bíblico que viveu 200 anos antes de David (Finkelstein *et al.*, 2019: 6).

Os defensores da corrente minimalista bíblica são geralmente céticos em relação a David e não chegam a um consenso sobre a natureza e a extensão do seu governo, devido à ausência de indícios arqueológicos robustos que confirmem a sua existência. Muitos defendem que David não foi um poderoso monarca do reino de Israel, como a Bíblia descreve, mas apenas um mero chefe tribal ou um líder mítico (Davies, 1994), e, por isso, esta estela é muito importante para o debate.

Recentemente, foram feitos novos levantamentos fotográficos digitais da Estela de Mesha e do decalque de papel de Clermont-Ganneau, com recurso ao método *Reflectance Transformation Imaging* (RTI), que consiste na recolha de

várias imagens digitais sob diferentes ângulos de iluminação, cuja combinação permite gerar um modelo tridimensional da peça (Langlois, 2019: 24). Em 2015, foi uma equipa da Universidade do Sul da Califórnia a realizar essas fotos de alta resolução. Posteriormente, em 2018, o próprio Museu do Louvre conduziu um procedimento análogo.

Este método de renderização digital da epígrafe permitiu aos investigadores controlarem a iluminação rasante, tornando visíveis as minúsculas e desgastadas letras, o que facilitou a obtenção de uma imagem mais clara do texto (Lemaire e Delorme, 2023). É credível que muitas mais epígrafes como esta possam ser submetidas a escrutínio através destes meios tecnológicos, possibilitando a validação de outras referências bíblicas que têm sido objeto de debate no meio académico (Langlois, 2019: 47).

Estes resultados permitiram que os pesquisadores Lemaire e Delorme, no final de 2022, voltassem a rever e a confirmar a sua anterior leitura das três letras duvidosas, reforçando a hipótese de que a inscrição é um documento fiável e de que há bons indícios de que o rei David é mesmo uma figura histórica.

Os restantes críticos que analisaram as novas imagens digitais assumem já a quinta letra, mas, lamentavelmente, continuam a manifestar consideráveis dúvidas nas restantes duas. Ainda que não excluam a hipótese de uma alusão à "Casa de David", admitem a possibilidade de interpretações alternativas, permanecendo assim cautelosos nas suas conclusões (Richelle, 2021; Richelle e Burlingame, 2023).

Deste modo, constata-se que a discussão sobre a possível referência epigráfica à dinastia bíblica do rei David permanece em aberto, sendo previsível que se prolongue por mais alguns anos, aguardando avanços interpretativos ou descobertas adicionais. Esta controvérsia reflete o rigor metodológico dos arqueólogos na sua busca incessante por factos seguros e isentos de contestação que possam corroborar aspetos da narrativa histórica bíblica, especialmente quando se trata de figuras tão proeminentes quanto o rei David.

Bibliografia

BIRAN, Avraham; NAVEH, Joseph (1993) – "An Aramaic Stele from Tel Dan". *Israel Exploration Journal*. 43/2-3, pp. 81-98.

DAVIES, Philip R. (1994) – "'House of David' Built on Sand: The Sins of the Biblical Maximizers". *Biblical Archaeology Review*, 20:4, pp. 54 e 55.

DELORME, Jean Philippe; LEMAIRE, Andre (2022) – "An Epigraphic and Philological Contribution to the Debate Surrounding *btdwd* ('House of David') in the Mesha Stele" – *ASOR 2022 Annual Meeting, Boston*, November, 16-19.

FINKELSTEIN, Israel; NA'AMAN, Nadav; RÖMER, Thomas (2019) – "Restoring Line 31 in the Mesha Stele: The 'House of David' or Biblical Balak?". Tel Aviv. 46, pp. 3–11.

LANGLOIS, Michael (2019) – "The Kings, the City and the House of David on the Mesha Stele in Light of New Imaging Techniques". Semitica. 61, pp. 23-47.

LEMAIRE, Andre (1994) – "La dynastie Davidique (*byt dwd*) dans deux inscriptions ouest-sémitiques du IXe S. av. J.C.". *Studi epigraphici e linguistici*, 11, pp. 17-19.

LEMAIRE, Andre; DELORME, Jean Philippe (2023) – "Defending the 'House of David'. A response to Critiques of *btdwd* in the Mesha Stele". *Biblical Archaeology Review*, 50:1.

NA'AMAN, Nadav (1995) – "Beth-David in the Aramaic Stela from Tel Dan". *Biblische Notizen*, 79, pp. 17-24.

NA'AMAN, Nadav (1997) – "King Mesha and the Foundation of the Moabite Monarchy". *Israel Exploration Journal*, 47, pp. 83-92.

NA'AMAN, Nadav (2019) – "The Alleged 'Beth David' in the Mesha Stele: The Case Against It". Tel Aviv. 46, pp. 192–197.

RICHELLE, Matthieu (2021) – "A Re-Examination of the Reading *BT DWD* [House of David] on the Mesha Stele", *in* Hillel Geva and Alan Paris, eds., Ada Yardeni Volume, Eretz-Israel 34 (*Jerusalem: Israel Exploration Society*, 2021), pp. 152-159.

RICHELLE, Matthieu; BURLINGAME, Andrew (2023) – "Set in Stone? Another Look at the Mesha Stele". *Biblical Archaeology Review*, 49:1, pp. 54-57.

OLHOS NOS *olhos*

Alejandro Bullón

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Hoje temos o privilégio de entrevistar um dos maiores ícones da pregação evangelística na nossa língua, o Pastor Alejandro Bullón Paucar. Nascido no Peru a 7 de dezembro de 1947, o Pastor Bullón dedicou mais de cinco décadas ao ministério. Como evangelista da Igreja Adventista do Sétimo Dia, conduziu centenas de programas evangelísticos que resultaram na entrega de muitos milhares de vidas a Jesus. O Pastor Alejandro Bullón é autor de 58 livros com mais de dois milhões de exemplares vendidos em todo o mundo.

ED: Pastor Alejandro Bullón, muito bem-vindo! Desde sempre quis ser Pastor?

AB: Ah, sim. Eu nunca imaginei a minha vida a ser outra coisa que não ser Pastor. Eu tive a bênção de a minha mãe conhecer o Evangelho quando eu era criança. Então, desde criança, recebíamos os Pastores em casa e eu admirava-os. Os Pastores daquele tempo vestiam fato preto, gravata preta, camisa branca. E tinham os movimentos pausados. Eram homens adultos, sérios. Aquilo impressionava-me, sabe?

E também porque a minha mãe preparava-nos e dizia-nos: "Está a chegar o servo de Deus, está a chegar o homem de Deus." Para mim, um Pastor sempre foi um homem de Deus!

ED: O Pastor Bullón aceitou o chamado muito cedo. Com 22 anos, já era Pastor. Quando foi a primeira vez, no seu ministério pastoral, que sentiu ter realmente feito a diferença na vida de alguém?

AB: Desde o primeiro ano do meu ministério. Eu digo sempre que realmente entendi o que era a conversão quando já estava no segundo ano de ministério. Mas desde que entrei na Obra, senti que o meu trabalho, as minhas palavras, a minha pregação marcavam a vida das pessoas. A Igreja olhava para mim. E tinha de ver um homem de Deus. Mas desde o primeiro dia do ministério, eu senti que uma palavra minha tinha muito efeito sobre as pessoas que formavam parte do meu rebanho.

ED: Tem ideia da quantidade de pessoas que se converteram graças ao seu ministério?

AB: Não, não! Nunca fiz esse tipo de contas. Mas por onde eu caminho, na rua, nos aeroportos, onde estiver, encontro pessoas que, às vezes, não dizem nada, aproximam-se, dão-me um abraço, choram. E basta! Eu já sei que o meu ministério, de alguma maneira, marcou a vida dessa pessoa.

ED: O Pastor Bullón sai do Peru com 30 anos e muda-se para o Brasil. Mas, muito cedo, apesar de inicialmente ter começado a trabalhar com os jovens, era já convidado para fazer séries evangelísticas. Porquê?

AB: Eu ensinava os jovens a conservarem uma experiência viva com Deus. Só que uma experiência viva com Deus envolve o estudo diário da Palavra de Deus, aprender a viver em oração, em comunhão com Jesus 24 horas por dia, e trazer uma pessoa para Cristo. Sem essas três disciplinas, não existe vida devocional! Eu descobri que o jovem podia ir em busca dos seus amigos, podia estudar a Bíblia com eles, mas a dificuldade estava na obtenção da decisão. Eu comecei a fazer evangelismo para ajudar os meus jovens a obterem a decisão dos amigos com quem eles estavam a estudar a Bíblia. Foi assim que entrei no terreno do evangelismo. E como fazia muito evangelismo, um dia a Igreja decidiu que eu me dedicaria apenas ao evangelismo.

Eu ensinava os jovens a conservarem uma experiência viva com Deus. Só que uma experiência viva com Deus envolve o estudo diário da Palavra de Deus, aprender a viver em oração, em comunhão com Jesus 24 horas por dia, e trazer uma pessoa para Cristo. Sem essas três disciplinas, não existe vida devocional!

ED: E foi em 1987 que fez uma grande campanha no estádio do Ibirapuera, certo?

AB: Foi a primeira vez que a Igreja saiu de uma tenda, porque geralmente fazíamos evangelismo em tendas de 500 lugares. Mas estávamos a trabalhar com pouca ambição. Um dia, Deus colocou uma ideia louca no meu coração. Porque não ir para um estádio? Um estádio significava 25 mil, 30 mil ou 100 mil pessoas. Escolhemos o estádio do Ibirapuera. E foi uma campanha extraordinária!

ED: Seis anos depois, em 1993, vem a Portugal pela primeira vez. Recorda-se como surge esta ideia de o Pastor vir a Portugal? Recorda-se destes tempos?

AB: Foi extraordinário! Talvez falar de 1000 pessoas, 1200 pessoas, seja pouco, quando se fala noutros lugares de 15 mil, 20 mil, 50 mil, 100 mil pessoas. Só que, para Portugal, aqueles dois eventos evangelísticos, tanto no Porto como em Lisboa, foram momentos marcantes. Cada noite eu fazia um apelo, e dezenas de pessoas vinham à frente. Gente que não tinha estudado a Bíblia, gente que não conhecia Jesus, ia à frente, aceitando Jesus como seu Salvador. Como surgiu a ideia, na realidade, eu não sei. Eu fui convidado para vir, e vim! E pedi a Deus que me usasse como noutros lugares. E Deus fez maravilhas aqui!

Para Portugal, aqueles dois eventos evangelísticos, tanto no Porto como em Lisboa, foram momentos marcantes. Cada noite eu fazia um apelo, e dezenas de pessoas vinham à frente. Gente que não tinha estudado a Bíblia, gente que não conhecia Jesus, ia à frente, aceitando Jesus como seu Salvador.

ED: Nestas cinco décadas de ministério, qual foi aquele momento que mais o marcou? Terá sido em Angola?

AB: Eu acho que o lugar onde houve mais público e mais respostas na hora do apelo foi realmente Angola. Um estádio de cem mil pessoas estava completamente cheio todas as noites. Porém, neste mesmo ano, já tive campanhas nos estádios de Curitiba, de Porto Alegre, de Lima. O último compromisso foi no estádio de Lima. Cinquenta mil pessoas. Houve milhares de pessoas que ficaram de fora, que não puderam entrar, porque as autoridades não nos permitiam colocar mais gente no estádio. E, depois, na hora do apelo, milhares entregaram-se a Deus. É emocionante! Mas já preguei em Zaragoza, em Espanha, onde nenhuma pessoa se levantou...

ED: 24 anos depois, regressa a Portugal para uma outra campanha. Encontrou um Portugal muito diferente em 2017? Não falo só da Igreja, falo do país em si.

AB: Eu acho que o mundo em geral, não apenas Portugal, está a perder a fé. O mundo está mais secularizado. Não diria que não há lugar para Deus. Há lugar. Só que Deus está banalizado. Deus não é o Senhor soberano que governa a vida. Sou eu que "governo" Deus. É essa a maneira de pensar moderna.

ED: Como é o dia-a-dia do Pastor Bullón, agora que está aposentado? Já consegue passar dias em casa? Ou continua a viajar da mesma forma que viajava antes de se aposentar?

AB: A minha vida está dividida em duas etapas: AC e DC. Mas não é antes de Cristo e depois de Cristo. É antes da Covid-19 e depois da Covid-19. Eu literalmente estava morto. Os meus filhos foram até à Ucrânia, dispostos a trazerem os meus restos mortais para o Brasil. Mas Deus foi muito bom comigo! Resgatou-me das garras da morte! Há gente que foi contagiada e que nem sentiu que estava com Covid. Mas houve gente que morreu. E eu fui um dos que estava praticamente morto. Então, depois disso, a minha vida mudou muito. Levei dois anos para recuperar, para reaprender a caminhar. Porque 45 dias numa cama deixam os músculos completamente flácidos. Eu saí com a minha capacidade pulmonar completamente diminuída. Levei dois anos para reaprender a respirar. E como me ministraram remédios complicados para me resgatar, esses remédios tiveram efeitos colaterais. Afetaram o meu coração, o meu fígado, os meus rins. Órgãos dos quais eu não sofria antes. Mas a minha vida de aposentado é simples. Eu dedico muito tempo a estudar, a escrever, a refletir. A preparar mensagens novas. Mas também a viajar com a minha mulher.

ED: O Pastor Bullón, ao longo da sua vida, pregou sobre muitas histórias. Algumas delas, por exemplo, sobre quando esteve com os Índios no Peru. Situações de quase morte. Mas

a situação mais complicada que realmente viveu foi mesmo na Ucrânia...

AB: Ah, sim. Completamente! Eu posso ter muitos momentos em que corri risco de vida. Mas, na Ucrânia, eu estive num estado completamente dramático. Quarenta e oito horas completamente inconsciente. E, quando acordei, percebi que estava no mesmo lugar. Abri os olhos, fechei os olhos. Pensei: "Meu Deus, estou vivo. Eu não morri!" O tempo de recuperação foi de quase dois anos. Foi só este ano que comecei a viajar de novo.

ED: Além de evangelista, o Pastor Bullón é também autor de dezenas de livros traduzidos em várias línguas. Como é que, ao longo do seu ministério, em que passava mais de nove meses por ano fora de casa, teve tempo para conseguir escrever uma obra tão vasta? Qual é o livro com que se identifica mais?

AB: Eu acho que o livrinho *Conhecer Jesus É Tudo* tem uma história especial. Porque tudo tem um tempo de vida. Um ser humano pode viver 90 ou 100 anos. Um livro tem três anos de vida. Só que o *Conhecer Jesus É Tudo* foi publicado em 1987. E, até hoje, todos os meses, na Casa Publicadora Brasileira, está classificado entre os 10 mais vendidos. Ou seja, este livrinho venceu qualquer expectativa. Eu chego à conclusão de que ele não é meu. Este livro foi inspirado pelo Espírito Santo!

ED: Há pouco tempo, o Pastor Bullón foi homenageado com o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade *Andrews*. Como é que viu este gesto?

AB: Eu estava na Universidade *Andrews* quando recebi a comunicação de que me queriam conceder o título de *Doutor Honoris Causa*. Falei com o Reitor, o Pastor Andreasen, e ele dis-

se-me: "Pastor, há duas maneiras de se conseguir um Doutoramento. Ou se estuda e se escreve e defende uma tese ou se entra na vida e essa vida é uma tese. Nós decidimos dar-lhe este título honorífico porque a sua vida é uma tese. E vamos sentir-nos felizes, se o Pastor for Doutor pela Universidade *Andrews*." Isto emocionou-me! Porque é o meu terceiro título de *Doutor Honoris Causa*. Isto faz-me reconhecer que Deus tem sido muito bom , ao usar o meu ministério para chegar a muitas pessoas e para alcançar muitos corações.

ED: O que ainda não fez que gostaria de fazer ao nível da obra missionária? Fez programas de televisão, tem um canal no *YouTube*, está nas Redes Sociais, fez campanhas por todo o mundo... Há algo que ainda não tenha feito e que gostaria de fazer?

Eu gostaria de estar vivo quando Cristo voltar. Eu vou estar vivo, porque vou ser fruto da ressurreição! Mas eu não gostaria de conhecer a morte sem ver Jesus voltar, sem ver a maravilha que Deus vai fazer no mundo antes da volta de Cristo, na pregação do Evangelho, na preparação da Igreja. Eu gostaria de viver esses momentos!

AB: Eu sei que não vou viver esse momento. Mas eu gostaria de estar vivo quando Cristo voltar. Eu vou estar vivo, porque vou ser fruto da ressurreição! Mas eu não gostaria de conhecer a morte sem ver Jesus voltar, sem ver a maravilha que Deus vai fazer no mundo antes da volta de Cristo, na pregação do Evangelho, na preparação da Igreja. Eu gostaria de viver esses momentos! Mas eu sei que não vai ser possível. É um sonho que alberguei toda a minha vida, claro. No momento da ressurreição, vamos ressuscitar para ver Jesus voltar. E essa é a minha esperança! Mas preferia não passar pela morte, e ver Jesus voltar em glória!

ED: E depois, quando chegar ao Céu, como será a sua coroa? Já pensou nisso, ou não?

AB: Não! Porque, quando eu prego num estádio, e vejo 10 mil pessoas, essas 10 mil estrelas não são minhas. Elas pertencem aos irmãos e às irmãs que trouxeram essas pessoas. Eu apenas ajudei na tomada da decisão. Mas eu tenho as minhas próprias estrelas. Pessoas que eu, pessoalmente, ajudei a levar a Cristo. Mas os milhares e milhares de pessoas a quem eu preguei são trabalho dos irmãos leigos que procuraram essas pessoas. Quando a pessoa vem à frente e entrega a sua vida a Cristo, isso não é fruto do meu trabalho; é fruto do trabalho do irmão leigo que a convidou!

ED: Pastor Bullón, foi um prazer, uma honra e uma bênção para mim entrevistá-lo. Muito obrigado. Que o Senhor continue a abençoar a sua vida e o seu ministério!

Daniel Simões
Tesoureiro da UPASD

A caminho da igreja:
Para dar ou para cobrar um obrigado?

Todos nós já tivemos momentos em que fomos visitar alguém que passava por alguma necessidade ou por algum momento difícil, por forma a poder transmitir conforto ou apoio. Infelizmente, por vezes, devido à nossa natureza humana pecadora, nesse momento o nosso coração transborda com um sentimento de cumprimento de uma obrigação, acompanhado de uma sensação de necessidade de reconhecimento pelo que estamos a fazer, em vez de termos um pensamento de gratidão por aquela pessoa, ou família, nos abrir a porta, mesmo estando num momento difícil e, ainda assim, disponibilizar-se de imediato para nos proporcionar um agradável lanche. Será que, ao nos darmos conta da nossa ingratidão, de imediato começamos a olhar para a casa e pensamos que poderíamos dar alguns fundos para que aquela pessoa, ou família, possa trocar o sofá, que apresenta alguns sinais de degradação, para que seja mais cómodo estar ali?

Esta conclusão parece de todo ilógica? Certamente parece que seria

uma reação tremendamente inoportuna e demonstradora de uma forma de estar pouco cristã, sendo que qualquer um de nós se escandalizaria com um comportamento destes, não se revendo nele! *E se vos disser que, frequentemente, nos comportamos desta forma, quando nos apresentamos diante do Rei do Universo, Sábado após Sábado?*

Um texto que frequentemente nos vem à memória quando nos preparamos para ir à igreja é o texto do Salmo 122:1: "*Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do Senhor!*" Ao ler com atenção este texto, reparamos rapidamente que ele não fala em ir à igreja de modo rotineiro, mas, sim, em ir à casa de Deus. Este pormenor faz toda a diferença! Se pensarmos neste texto dentro do contexto das antigas monarquias, fará ainda mais sentido, pois o nosso Deus é repetidamente invocado como o soberano Rei dos Reis. Ao relembrar a conversa entre Ester e Mardoqueu relatada no livro de Ester 4:11, lemos: "*Todos os servos do rei e o povo das províncias do rei bem sabem que para todo homem ou mulher que entrar ao rei, no pátio interior,* ***sem ser chamado****, não há senão uma sentença, a de morte, salvo se o rei estender para ele o cetro de ouro, para que viva; e eu, nestes trinta dias, não sou chamada para entrar ao rei.*" Percebe-se que ser chamado à presença do soberano era tido como um privilégio, um motivo de alegria e a consequência de um convite. Ora, se assim é, então *a nossa presença na casa do Rei do Universo resulta de um convite que Ele próprio nos fez, e é motivo para nos sentirmos gratos e desejosos de levar algo que demonstre a nossa gratidão*!

A questão é: O que posso ofertar a Deus em gratidão pelo convite que Ele semanalmente me faz?

Em Levítico 7:11-14, encontramos a chave sobre este tema. "*E esta é a lei do sacrifício pacífico que se oferecerá ao Senhor. Se o oferecer por oferta de louvores, com o sacrifício de louvores, oferecerá bolos asmos amassados com azeite e coscorões asmos amassados com azeite; e os bolos amassados com azeite serão fritos, de flor de farinha. Com os bolos oferecerá pão levedado como sua oferta, com o sacrifício de louvores da sua oferta pacífica. E de toda oferta oferecerá um deles por oferta alçada ao Senhor,* ***que será do sacerdote*** *que espargir o sangue da oferta pacífica.*"

Da análise deste texto resulta que a oferta de gratidão é apresentada no templo e entregue ao sacerdote responsável por fazer a aspersão do sangue sobre o altar. Será este sacerdote que define o posterior uso daquela oferta. Assim, rapidamente se percebe que o serviço regular da Igreja é sustentado pelas ofertas de gratidão do povo de Deus, de acordo com o plano da Igreja como um todo e não do doador particular.

Pelo contrário, quando falamos de projetos especiais ou que careçam, pela sua dimensão, do envolvimento de toda a Comunidade, é identificado um outro tipo de oferta: A oferta voluntária. Vejamos o enquadramento deste tipo de oferta quando o povo de Israel foi a isso desafiado: "*Todo homem e mulher, cujo coração voluntariamente se moveu a trazer alguma coisa para toda a obra que o Senhor ordenara se fizesse pela mão de Moisés, aquilo trouxeram os filhos de Israel por oferta voluntária ao Senhor*" (Êxodo 35:29).

Ao contrário daquilo que acontece com a oferta de gratidão, a oferta voluntária está focada não no funcionamento regular da Igreja, mas na execução de um projeto específico que foi divulgado por esta. Por outro lado, enquanto a oferta de gratidão é proporcional às bênçãos recebidas da parte de Deus, a oferta voluntária depende do impacto que um determinado projeto tem no meu coração.

Esta reflexão é o fundamento para que, em 2025, haja na Igreja Adventista do Sétimo Dia uma alteração no sistema de ofertas. Para que se possa reavivar a relação de gratidão com o nosso Deus em cada Sábado, quando somos chamados a ir à Sua casa, foi eliminado o Calendário de Ofertas de Sábado específico. Assim, a partir de 1 de janeiro de 2025, em cada um dos 52 Sábados do ano, a oferta será tratada como oferta de gratidão. Em qualquer Sábado do ano, a oferta recolhida é direcionada sempre de igual forma para a missão da Igreja onde ela acontece, segundo a seguinte distribuição-padrão:

- 50% – Campo Local.
- 25% – Campo Nacional.
- 5% – Campo Europeu.
- 20% – Campo mundial / Projeto do 13º Sábado.

Por consequência, exceto nas ofertas em que o doador identifica, em envelope, um destino específico para a sua oferta (caso em que a finalidade identificada é sempre respeitada), resulta, por exemplo, que a recolha de ofertas para os Projetos do 13º Sábado deixa de ocorrer apenas uma vez por Trimestre para passar a ser uma constante na oferta semanal (20% das ofertas recolhidas). Da mesma forma, as ofertas destinadas ao campo/igreja local passam a ser 50% da oferta recolhida em todos os Sábados e não apenas nos Sábados em que não há finalidade específica.

Certamente continuarão a existir momentos em que se levantarão ofertas para projetos específicos, locais ou nacionais, para os quais voluntariamente serei chamado a contribuir, mas não podemos perder a oportunidade de relembrar semanalmente que é a gratidão pelas bênçãos que Deus me deu que faz a missão da Igreja acontecer em cada canto deste mundo, a começar pela minha cidade. Devo lembrar ainda que a minha gratidão para com Deus nunca deve ser uma questão de ter ou não ter, mas apenas uma questão de dimensão de gratidão, e nem a minha oferta voluntária para um projeto que me tocou deve fazer diminuir a minha demonstração de gratidão para com Deus.

É aqui que se destaca o desafio deixado pelo Salmista: "***Provai e vede que o Senhor é bom****; bem-aventurado o homem que nele confia*" (Salmo 34:8).

Deus não precisa de si para a Sua Obra avançar; mas Ele deseja ardentemente que faça parte dessa Obra!

"Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia" (Salmo 34:8).

ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de Espírito de Profecia da UPASD

Avaliar e julgar os Testemunhos

O povo de Deus não compreendia onde se encontrava e o quanto se tinha afastado dos ensinos e dos conselhos de Deus. Então, Deus enviou esta mensagem através do profeta Jeremias: "Os sábios são envergonhados, espantados e presos; eis que rejeitaram a palavra do Senhor; que sabedoria, pois, têm eles?"[1]

Quão sábios estamos nós a ser hoje, quando colocamos em causa a autoria divina dos escritos de Ellen G. White? Deus deixou orientações precisas, para voltarmos ao caminho da vida, por meio dos escritos de Moisés. Mas, com o decorrer dos anos, os Seus filhos revelaram uma tendência para se afastarem dessas orientações. Por essa razão, Deus enviou novos profetas. Eles transmitiram as palavras de Moisés no contexto em que as pessoas estavam a viver, de modo que estas pudessem entender melhor os conselhos e as orientações divinos.

Assim aconteceu no tempo do profeta Jeremias e com cada um dos profetas que Deus chamou. Acontecerá sempre que o Senhor sentir que isso é importante para reorientar os que estão a afastar-se da Sua lei de amor, com prejuízo próprio.

Quando Deus chamou Ellen G. White, fê-lo porque os ensinos da Sua Palavra tinham sido grandemente desvirtuados. Era necessário que o povo se voltasse para a Bíblia e fosse sábio em relação às decisões e às orientações que ela dava em relação a Deus e a todas as dimensões da vida.

Não foi fácil a tarefa de Ellen G. White, como serva do Senhor. Alguns pretendiam analisar e julgar o caráter dos seus testemunhos. O que a levou a escrever: "Pensam alguns que são capazes de julgar o caráter e avaliar a importância da obra que o Senhor me deu a fazer. A sua própria mente e o seu próprio juízo são a norma pela qual eles desejam aquilatar os testemunhos."[2]

É da maior importância que estejamos atentos quanto ao valor e à origem dos conselhos e das advertências que Deus nos deseja dar. Rejeitar as mensagens que Deus nos deixou para este tempo não é sábio. Criticar os escritos de Ellen G. White ou analisá-los, não à luz da Palavra de Deus, mas segundo os nossos "mente e juízo", não é prudente.

Ao falar acerca dos que faziam da "sua própria mente e do seu próprio juízo a norma" para avaliarem a origem daquelas mensagens, Ellen G. White escreveu: "Os que leem cuidadosamente os testemunhos tal como têm aparecido desde os primeiros tempos não precisam de ficar perplexos quanto à sua origem. Os muitos livros, escritos com o auxílio do Espírito de Deus, apresentam um vivo testemunho quanto ao caráter dos testemunhos."[3]

Hoje, como em todos os tempos, devemos ouvir a voz de Deus através da Sua Palavra: "Não toqueis nos meus ungidos, e aos meus profetas não façais mal."[4] Que Deus assim nos ajude, individualmente e como Igreja que tem uma mensagem especial para este tempo!

1 Jeremias 8:9.

2 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. I, p. 49.

3 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. I, p. 49.

4 I Crónicas 16:22.

ESPAÇO JUVENIL
Heróis da Bíblia

Conceição Lagoa
Diretora-Associada da Área da Família da UPASD para os Ministérios da Criança

"Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra" (Lucas 1:38).

Maria

Dizer "Sim" ao impossível!

Aponta o telemóvel e descobre as surpresas!

Explora o *QRCode* e encontra:
Uma mensagem especial de Maria.
Um desenho para colorires.
Uma música bonita para cantares.

recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-janeiro-2025/

História Bíblica

Maria era uma jovem simples, que vivia na pequena aldeia de Nazaré, quando um anjo de Deus apareceu e mudou a sua vida para sempre. O anjo Gabriel saudou-a com as palavras: "*Salve, agraciada! O Senhor é contigo*" (Lucas 1:28). Em seguida, revelou-lhe uma missão única e extraordinária: Ela seria a mãe do Salvador, Jesus.

Maria ficou confusa e com medo. "*Como será isso, se eu não conheço homem?*", perguntou ela (Lucas 1:34).

E o anjo respondeu com uma verdade poderosa: "*Para Deus nada é impossível*" (Lucas 1:37).

Apesar das dúvidas e da compreensão limitada do que estava para vir, Maria respondeu com fé e obediência: "*Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra*" (Lucas 1:38).

Ela aceitou os desafios e os riscos que viriam com o seu "sim" – desde o julgamento das pessoas ao caminho incerto do futuro –, porque confiava plenamente no plano de Deus.

O seu ato de fé trouxe ao mundo o Salvador e mostrou que um "sim" a Deus pode mudar a História!

Eu aprendi...

Maria ensina-nos que dizer "sim" a Deus exige coragem, fé e disposição para aceitar o desconhecido. Maria também nos mostrou que um "sim" a Deus não só transforma a nossa vida, mas também impacta profundamente aqueles à nossa volta. O seu ato de fé abriu o caminho para a maior história de salvação que o mundo já viu.

Muitas vezes, Deus chama-nos para missões que parecem assustadoras ou impossíveis, mas o exemplo de Maria mostra-nos que, quando confiamos em Deus, Ele capacita-nos para realizarmos o que não podemos fazer sozinhos.

Também aprendemos que a obediência a Deus nem sempre será compreendida por todos. Tal como Maria enfrentou críticas e desafios, podemos encontrar resistência ou dúvida por parte de outras pessoas. Contudo, o seu exemplo prova que as bênçãos de seguir o plano de Deus são maiores do que qualquer dificuldade.

Maria não era uma rainha ou alguém com uma posição especial; ela era uma pessoa comum, escolhida por Deus para um propósito extraordinário. Da mesma forma, Deus usa a nossa vida, por mais simples que pareça, para fazer algo grande através de nós.

"Eu Vou, Iremos Todos"

Hoje, somos chamados a seguir o exemplo de Maria. Dizer "*Eu vou*" é como dizer "*Cumpra-se em mim segundo a tua palavra*". E quando todos nós, juntos, respondemos ao plano de Deus, podemos realizar coisas ainda maiores!

Que tal seguir o exemplo de Maria? Vamos dizer "sim" ao que Deus nos pede e confiar que Ele fará o impossível através de nós?!

Desafio ou Atividade

Hoje, Deus continua a chamar-nos. Reflete sobre algo que sentes que Deus está a pedir-te, mas que tens hesitado em fazer. Pode ser ajudar alguém que precisa, perdoar alguém, partilhar a tua fé com um amigo ou participar na igreja. Podes seguir o exemplo de Maria e dizer "sim" a Deus.

Durante esta semana, fala com Deus por meio da oração, para Lhe entregares os teus medos. Pede-Lhe força e coragem para dizer "sim" ao que Ele te pede.

Partilha a história de Maria, ou conta a alguém sobre como dizer "sim" a Deus já impactou a tua vida. Encoraja outras crianças a confiarem no plano de Deus para elas.

E não te esqueças que dizer "sim" a Deus traz bênçãos eternas!

O primeiro altar

"E Moisés edificou um altar, ao qual chamou: O Senhor é a minha Bandeira" (Êxodo 17:15).

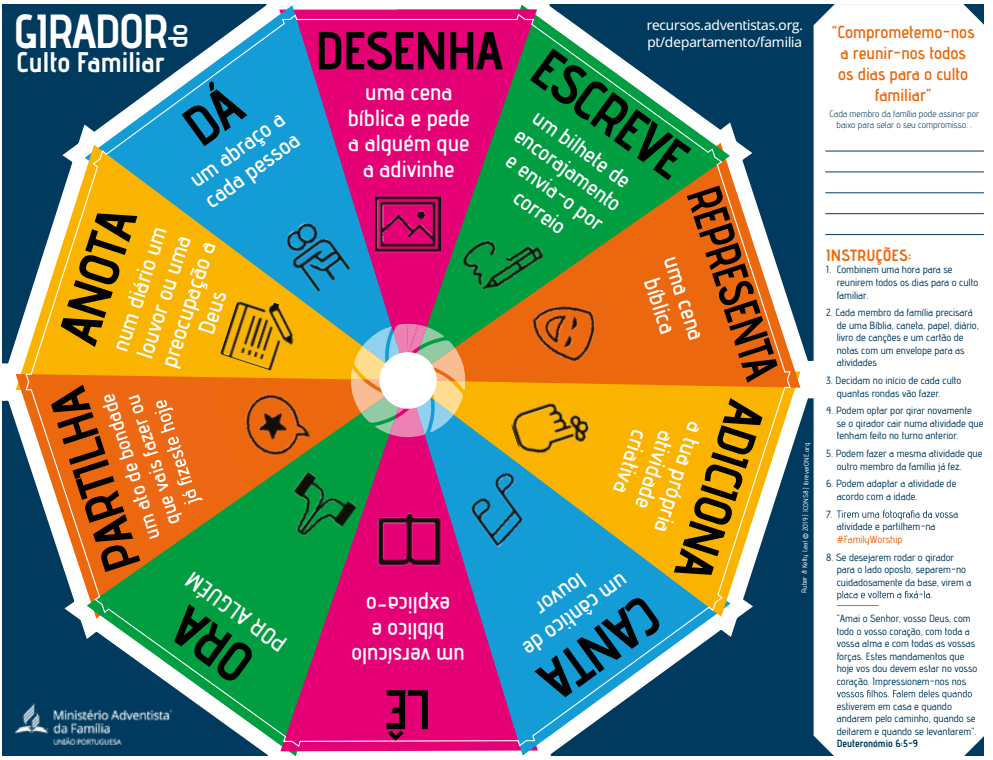
Daniel Bastos
Diretor da Área Departamental da Família da UPASD

Muita coisa tinha acontecido em pouco tempo. Desde o momento em que o Senhor lhe tinha aparecido na sarça ardente, Moisés tinha-se reencontrado com a sua família de origem e enfrentado o obstinado Faraó. Tinha testemunhado, na primeira pessoa, o poder maravilhoso de Deus na libertação do povo de Israel do cativeiro egípcio. Numa praia do Mar Vermelho viu os Egípcios mortos, e foi inspirado a compor um cântico como expressão de gratidão por

tão grande livramento. Se para algum de nós a descrição bíblica, que conhecemos tão bem, não for suficientemente real ou atual, basta rever algumas imagens recentes com as celebrações da população síria pelo fim da longa ditadura que dominou aquele país. Agora que estavam a salvo do outro lado do Mar, os desafios não tinham terminado. Suprir as necessidades básicas daquela multidão no deserto não seria uma tarefa humanamente possível. Moisés sabia quão dependentes da providência divina eles estavam; sabia também quão facilmente o povo se esquecia do último milagre em seu favor, fosse uma das pragas no Egito, a abertura do Mar para passarem ou o providencial suprimento de água e alimento. Deus tinha-os guiado pelo trajeto mais seguro para Canaã, para evitar grandes confrontos militares para os quais não estavam preparados, e eis que, do nada, são atacados à traição pelos Amalequitas, em Refidim. Tendo Moisés os braços erguidos em súplica, ajudado por Aarão e Hur, enquanto Israel lutava, a vitória foi alcançada. Foi nesse contexto que a Bíblia nos diz que Moisés edificou um altar, o seu primeiro altar. Noé, Abraão e Jacob são mencionados a fazer a mesma coisa antes, mas agora é Moisés quem edifica um altar ao Senhor, para reafirmar a total dependência que sentia de Deus.

Estamos no início de mais um ano. Certamente não nos faltarão desafios... O nosso inimigo anda feroz em derredor, porque sabe que lhe resta pouco tempo. De forma traiçoeira e engenhosa – afinal ele já anda há muitos anos nesta atividade –, vai certamente continuar a atacar as famílias de Deus, a sua família... Os mais vulneráveis serão o seu alvo prioritário. Nos seus momentos de maior fragilidade, ele aproximar-se-á com maior vigor. Quando faltar o essencial para as necessidades básicas, quando as coisas começarem inexplicavelmente a correr mal, ele lá estará para nos incitar à murmuração, ao queixume, à descrença e à dúvida. O que poderemos fazer? Ergamos como Moisés os nossos braços ao Céu, edifiquemos ao Senhor um altar e reafirmemos a nossa confiança no Seu cuidado, no Seu amor e nas Suas promessas para connosco.

Desde há muitos anos, temos associado estes altares de pedra ao nosso culto doméstico. Já existe este altar no seu lar? Não? Então está no momento certo para começar. Erga, como Moisés, o seu primeiro altar! Se for a primeira vez, ou se for recomeçar depois de um longo interregno, é bom recordar que esta atividade deve ser breve, interessante e adaptada aos membros da família. Já ouviu falar do "Girador do Culto Familiar"? Trata-se de um novo recurso que o Departamento de Família da nossa União põe à disposição das famílias para tornar o culto doméstico mais participativo e interessante, sobretudo se no agregado em causa existirem crianças e jovens. Veja a imagem na página seguinte para o compreender melhor e procure este recurso em recursos.adventistas.org.pt/familia/imagens/girador-do-culto-familiar, ou fale com o Diretor deste Departamento na sua igreja para aferir sobre a possibilidade de obter uma cópia já impressa e montada para o seu lar. Livros de histórias inspiradoras, partilha de experiências



recursos.adventistas.org.pt/familia/imagens/girador-do-culto-familiar/

pessoais, estudo da Bíblia ou da Escola Sabatina, existem muitas maneiras de edificar o altar da família. O importante é que o façamos e que haja esse compromisso entre todos para mantê-lo de pé. A consistência é aqui o grande desafio. São tantas coisas a chamar por nós, a vida é tão corrida, que alguém se perguntará: "Vale a pena tanto esforço?" Segundo o estudo *Valuegenesis*,[1] conduzido há alguns anos na nossa Igreja, o fator mais importante para ajudar as crianças e os jovens a amarem Jesus e a permanecerem na Igreja era ter um culto familiar interessante. Nunca nos iremos arrepender de ter feito tudo pela salvação dos nossos filhos e, mesmo que, mais tarde, surjam dificuldades, será pelo menos confortante saber que fizemos o nosso melhor, fizemos o que estava ao nosso alcance.

Os nossos dias não são mais fáceis do que foram os de Moisés. Só Deus nos poderá servir como bandeira, se quisermos ser vitoriosos. "*Se o Senhor não edificar a casa em vão trabalham os que a edificam*" (Salmo 127:1). Diga como Josué: "*Eu e a minha casa serviremos ao Senhor*" (Josué 24:15b). Que o Senhor abençoe a sua família!

1 *Project Affirmation: Valuegenesis: Report 1: A Study of the Influence of Family, Church and School on the Faith, Values and Commitment of Adventist Youth;* Peter Benson, Ph.D. and Michael J. Donahue, Ph.D.; Search Institute, Minneapolis, Minnesota. October 1, 1990. Veja especialmente as pp. 17-19.

Consulte estas e outras notícias em noticias.adventistas.org.pt

Novo Colégio Adventista em Setúbal

Diário do Distrito
15 de novembro de 2024

O Colégio Adventista de Setúbal celebrou a inauguração das suas novas instalações na zona da Serralheira, um projeto ambicioso que representa um marco na educação da região. A cerimónia contou com a presença de Carla Guerreiro, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, que destacou a importância da parceria entre o Colégio e a Câmara Municipal para o sucesso educativo dos jovens.

Carla Guerreiro sublinhou a relação próxima com a Instituição, enfatizando o impacto positivo de iniciativas conjuntas, como o Programa Eco-Escolas. Segundo a autarca, que detém o pelouro da Educação, "formar pessoas para o futuro" é um objetivo comum que ambas as Entidades pretendem continuar a promover. "Se necessitarem de alguma coisa da Câmara Municipal e nós possamos ajudar, cá estaremos", garantiu.

As novas instalações, localizadas na antiga área do Colégio de São Cristóvão, finalmente permitem que o 1º Ciclo, o Pré-Escolar e a Creche estejam juntos num único local. Para o Presidente do Conselho Escolar, Emanuel Esteves, a inauguração deste espaço é a realização de um sonho de quase 43 anos, proporcionando melhores condições para alunos, professores e funcionários.

A área de 10 mil metros quadrados alberga dois edifícios modernos. O primeiro, dedicado ao 1º Ciclo, possui quatro salas de aula, uma biblioteca, um ginásio e uma sala de professores, tendo capacidade para cem alunos. O segundo edifício foi projetado para o Ensino Pré-Escolar e para a Creche, com espaço para 50 crianças no Pré-Escolar e 43 na Creche, incluindo uma cozinha, refeitório e diversas salas de apoio.

Concerto Solidário "O Primeiro Natal"

Sara Costa | ADRA Póvoa de Santa Iria
11 de dezembro de 2024

No passado dia 7 de dezembro, a Delegação da Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência (ADRA) da Póvoa de Santa Iria realizou o "Concerto Solidário: O Primeiro Natal", na Sociedade Filarmónica Recreio Alverquense (SFRA), onde foram angariados cerca de 240Kg de alimentos e aproximadamente 681 euros.

A história do nascimento e da vida de Jesus foi o fio condutor do "Concerto Solidário: O Primeiro Natal", narrada de forma cativante através de uma gravação com a voz profunda e expressiva de Ezequiel Duarte. Esta narração, que guiou os diferentes momentos do espe-

táculo, foi acompanhada por uma encenação cuidadosamente preparada por um conjunto de atores amadores, todos voluntários. A música desempenhou um papel central no concerto, com a apresentação de 12 músicas que complementaram a narração e a encenação, entre elas: "Pequena Vila de Belém" e "Nova Estrela", pelo *Quarteto Omni*; "Medley de Natal", "Ó Vem, Emanuel" e "Canção de Natal", pelo grupo *Connect*; "Noite Santa" e "Onde Estavam", pelo *Trio ABC*; "Jesus de Nazaré" e "Yahweh", pelo *Novo Trio*; "Maria, Tu Sabias?", por Dilma Canganjo; "Glória a Deus nas Alturas", numa interpretação conjunta de Lisley Filipe e Dayse Tiago; e "Carol of the Bells", tocada, ao piano, por Sara Figueiredo. A narração, a encenação e a música deram vida aos episódios mais marcantes do primeiro Natal, transportando o público para o significado daquele momento.

Estiverem presentes a Diretora-Executiva da ADRA Portugal, Dra. Cármen Maciel; a Vereadora da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Dra. Manuela Ralha; a Presidente da Junta de Freguesia da Póvoa de Santa Iria e Forte da Casa, Dra. Ana Cristina Pereira; a Vogal do Executivo da Junta de Freguesia de Alverca do Ribatejo, Dra. Joana Simões; o Presidente da ARIPSI, Dr. Rui Benavente; a Tesoureira da ARIPSI, Dra. Fernanda António; e o Diretor-Executivo da Rádio *RCS*, Dr. Marco Figueiredo.

De acordo com Lisley Filipe, responsável pela Delegação da ADRA da Póvoa de Santa Iria, "neste Concerto Solidário de Natal, procurámos não só celebrar a data, mas também reforçar a mensagem de que o verdadeiro Natal é aquele vivido com solidariedade e amor ao próximo. A nossa intenção foi unir a comunidade e mostrar a importância de ajudarmos quem mais precisa. Ficámos muito felizes por ver tantas pessoas presentes e com o total dos donativos angariados".

Nas palavras de Cármen Maciel, Diretora-Executiva da ADRA em Portugal, "este evento evidencia não apenas o poder transformador da música, mas também reflete o compromisso e a generosidade de todos os envolvidos em fazer a diferença na vida de quem mais precisa. O trabalho voluntário a que assistimos é a prova viva de que, juntos, podemos construir um futuro melhor".

A ADRA agradece a todos os que tornaram este evento num sucesso, desde os cantores e atores aos voluntários, às Entidades parceiras e a todos aqueles que contribuíram com donativos. Este Concerto Solidário demonstrou, uma vez mais, a força transformadora da solidariedade e o impacto positivo que é possível alcançar quando a Comunidade se une por uma causa.

Revive, Algarve

Pr. Hernâni Moura
11 de dezembro de 2024

Gratidão. Podemos dizer que esta é a palavra que brota no coração de todos os que viveram o *Revive, Algarve* nos dias 4 e 5 de de-

zembro de 2024. Tivemos a alegria de receber o Pastor Alejandro Bullón em Loulé, num grande espaço que acolheu cerca de 400 pessoas cada noite e onde perto de 30 pessoas tomaram a decisão por Jesus. Também os membros puderam reviver e reafirmar o seu compromisso pessoal com o Senhor.

Somos gratos por termos tido o apoio da União e da Liderança nacional. Sentimos gratidão por termos tido o apoio de todos os Pastores da Região Eclesiástica do Alentejo e Algarve. Gratidão por termos tido um envolvimento das igrejas do Algarve no planeamento, na preparação e na execução de todo o evento. Foi um trabalho em conjunto onde estiveram envolvidos diretamente os Pastores do Algarve, os líderes locais e os membros. Também somos gratos a Deus pelos dons e talentos revelados através do louvor ao Senhor apresentado durante o programa, que preparou os corações para as mensagens de grande aporte espiritual que foram pregadas.

Pudemos viver a alegria de servir Cristo na partilha da Palavra e viver um pouco mais a união na missão que o Senhor tanto nos convida a experimentar. Podemos dizer que ver pessoas a tomar a decisão pelo Senhor nos enche de gratidão, e darmos conta de que colaborámos para isso é algo que só quem vive pode dizer o quão abençoado se sente. Por isso, estamos gratos ao nosso bom Deus por nos ter permitido viver esta experiência. Ela enche-nos de vontade de continuarmos ao serviço do Mestre, convidando todos os que vivem nesta Região a aceitar Jesus como Salvador pessoal.

Igreja de Fetais-Camarate Celebra Primeiros Batismos

Michael Mandinga | IASD de Fetais-Camarate
12 de dezembro de 2024

Foi no Sábado 30 de novembro de 2024 que a igreja de Fetais-Camarate testemunhou com alegria os primeiros batismos. Neste dia de grande festa no Céu, o irmão Adilson Trindade e a irmã Miriene Almeida selaram o seu compromisso com Cristo através do batismo, numa cerimónia carregada de grande simbolismo e emoção. O programa contou ainda com a aceitação por profissão de fé da irmã Fofa da Conceição. Agora, estes novos crentes fazem parte da família Adventista local e mundial.

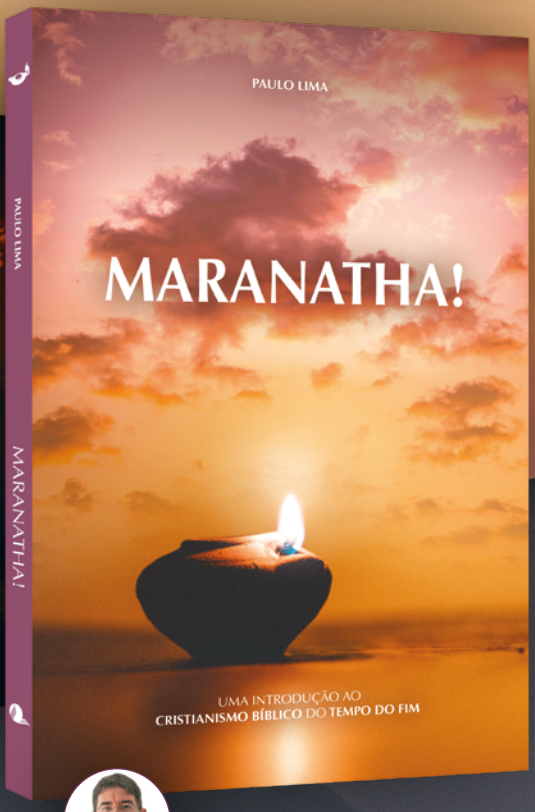
A cerimónia foi oficiada pelo Pr. António Amorim, na presença de membros e amigos da igreja de Fetais-Camarate. Pedimos à Igreja nacional orações pelo crescimento destes novos membros. Foi também com emoção que presenciámos a decisão pelo batismo de mais oito pessoas. A Classe Batismal é atualmente composta por cinco candidatos, que se preparam para os próximos batismos.

Louvamos Deus por continuar a permitir-nos testemunhar o milagre da conversão de homens e de mulheres que decidem ser discípulos de Cristo.

COLEÇÃO
Luminares de fé

Brevemente!

AUTOR:
Pavel Goia



AUTOR:
Paulo Lima

PUBLICADORA SERVIR

COMPRE *ONLINE* **WWW.PSERVIR.PT** | LIGUE **21 962 62 00**
E-MAIL **CLIENTES@PSERVIR.PT** | **+351 925 896 870**